

Revista Mato-Grosso

PUBLICAÇÃO MENSAL

DE

SCIENCIAS, LETRAS, ARTES E VARIEDADES

ANNO XI

União — Julho e Agosto — 1914

VOLS. 7 e 8

AOS MEMBROS PAISE

DOU ALUNOS DO

LYCEU SALISIANO

Cuiabá, 2 de Agosto de 1914.

Exmos. Srs. e Amigos,

E' apenas a terceira vez que se me dá este gesto d'alma em prestar-vos, ao encerrar-se o anno lectivo, ligeira conta da convivência collegial commoseo dos vossos queridos filhos, e eis que me é já forçoso fazelo de envolta com um sandoso gesto de despedida. Vicissitude das coisas mundanas!

Aquella mesma Divina Providencia, cuja mão é sempre adoravel, quer nos chova o manná, quer nos castigue com serpentes de fogo nos desertos saharos da vida. Ella que me collocára no meio dos vossos filhos para desabrochar-lhes a ideias puros e santos a mente e o coração. Ella propria, como sabeis, hoje me transfere para um novo campo de acção, cujos horizontes esprumam-se, immensos, a acobardar-me a inexperiencia e pouquidade. Bendicta seja Ella!

Mal começavam agora a apontar

os frutos, a medrar as esperanças, a se ampliar os projectos para o futuro, quando me veja assim improvisamente arrebatado por essa Infinita Sabedoria, que tudo dispõe suavemente, mas attinge forte e infallivelmente os seus imprescritaveis fins. Bendicta seja Ella!

Folgo, entretanto, de garantir-vos que esta casa será sempre para mim objecto da mais carinhosa predilecção: amala-ei mais do que se ama o lar paterno, porquanto fôra ella o caricioso berço da minha adolescencia, o jardim florido e perfumoso da minha juvenil cultura, o cáldo ninho mystico da minha vocação para o altar, e veio a ser, mais tarde, o primeiro campo do meu humilde apostolado sacerdotal.

Mesmo fôra da direcção deste Lyceu, constituirão, pois, sempre os vossos filhos a mais mimosa porção das almas que a Deus prouver confiar-me. Jesus, o nosso Divino Mestre e Modelo, comquanto abrangesse na sua missão de amor, o mundo universo, reservou contudo para as creanças uma caricia e uma benção toda especial.

Como nos annos anteriores, apresento-vos nas paginas que seguem, breve resenha do que mais interes-

sente houve no movimento escolar deste Lyceu, durante o anno lectivo, que hoje expira. Em folheando assim esta chronica, sinto a necessidade de, mais uma vez, render publico o meu grãças a Deus Senhor Nosso, pelas extraordinarias bençãos, que se dignou de a mãos cheias derramar sobre este instituto, seja alargando-lhe o ambiente de sympathias e confiança, como o prova o crescendo ininterrupto do numero de alumnos, que este anno, por assim dizer, bateu absolutamente o *record* com 241 matriculas, seja sobretudo, inspirando aos mesmos alumnos a melhor bõa vontade e até verdadeiro enthusiasmo pela propria formação intellectual, moral e religiosa.

Coroados, por conseguinte, como era de esperar, os seus esforços, ali vão elles, os nossos jovens amigos, os vossos estremecidos filhos, que voltam ao tecto paterno, abençoados por Deus e por seus mestres. Possam elles sêr a consolação dos seus Paes, as flôres e alegria dos lares, os exemplos da nossa juventude.

Agradecendo-vos, pois, a honrosa confiança com que sempre distinguistes este Lyceu, peço-vos a conserveis inalteravel, pois que, estao certos, deparar-lhe-á Deus um novo Director, que, melhor do que o actual, saiba corresponder ás vossas justas expectativas.

Implorando, enfim, ao Altíssimo chuvisos de celestes grãças e venturas sobre vós e as vossas estu-

das e Exmss. Famílias, acarício a esperança de que sempre me tereis, qual sou, por

vosso humil. am. e servo em J. C.,

P. F. D'AGUIÑO CORREIA

Director



UMA REPUBLICA DO CORAÇÃO DE JESUS

Consagrou-se oficialmente a Sagrado Coração de Jesus a Republica do Nicaragua.

No dia da abertura da assembléa constituinte todos os ministros, deputados e corpo diplomatico se dirigiram á matriz de Managua, e com a maior sollemnidade recitaram o seguinte acto da consagração.

«Oh Dilectissimo Jesus, Redentor del genero humano, dirigid man adirada a la Republica de Nicaragua, que hoy se os consagra a su Iglesia; a su Gobierno en sus tres poderes: Ejecutivo, Legislativo y Judicial; y a su pueblo.

Os pertenecemos y queremos pertenecer y affin de estar nos firmemente unidos a Vós cada um de nosotros se consagra espedalmente en este dia a vuestro Sagrado Coração.

Amigos do homem

Devemos confiar entre elles os fantasticos morcegos pela guerra sem tréguas que declaram aos mosquitos, finestas transmissoras de febres e epidemias; nem os pulchros neas as aranhas fazem na familia dos dipteros tantos destroços com essas brigadas phlogophaticas de mara-mosquitos organisadas pela divina providencia, que não custam um centil ás camaras municipales. São felos esses bichos com azas de borraça e a physionomia de rato; todavia devem il-os respectar pelas suas vantagens que nos advêm do seu convivio.

Excepituamos o *phyllostoma spectrum*, o vampiro, por lambagem; pois ás tenues carcaças dos pernilongos preferem o liquor nutritivo das nossas veias.

A porta do hotel

— Olá, Maneca, como vai tudo essa bizzaria? já jantaste?

— Vou bem, caro Juca. Quanto a jantar, já sim, senhor, grãças a Deus. Mas porque perguntas si já jantei?

— Porque vinha doído por a chamar-te á minha meza. Queria convidarte.

Dias depois novo encetro á porta do mesmo hotel, a mesma pergunta:

— Já jantaste?

Desta vez o Maneca respondeu:

— Não.

— Pois então não te quero convidar a jantarmã, conversaremos outra occasiã.

“O Evangelho nas selvas”

CARTA

do M. RYDO, P. Antonio Col-
lacchini, Director da "Colônia" Sa-
grado Coração "no Larreiro" -
Araguaya.

M. RYDO, Sr. P. AQUINO,
Coutureiro

No dia seguinte celebrei bem cedo a Santa Missa, e puz-me a caminhar pelo caminho, cuja topografia não mudou. Nas horas postmeridianas o calor era excessivo; fortunadamente entramos em uma floresta, cuja sombra refrescou-nos um pouco. Porém o negror dessas florestas não deixava de inspirar-nos pouca confiança. Caminhavamos um pouco receiosos; os índios nervosamente brandiam os seus facões a torto e a direito, e repetiam: ainda um pouco e chegaremos ao fim. Atravessamos, ainda, um correjo que nos inebriu um pouco de medo. Só a sagacidade dos índios pôde tirar-nos daquelle labyrintho. Saliu finalmente ao céu aberto; e as estrellas brilhavam no firmamento. De pressa, tratamos de repousar. Os boróros, puzeram-se a procurar lenha, porque diziam: aqui o fogo ha de ser grande em toda a noite, estamos perto da mata e as onças são aqui numerosas e poderão fazer-nos uma visita. Um clarão esplendido veio assim illuminar a scena e as trevas se retiraram de nós como para fechar-nos em um círculo ainda mais negro e tetrico.

Na madrugada subsequente, acordamos todos banhados pelo orvalho que cahia, abundante, durante a noite. Corremos prestes ao fogo para aquecer-nos, pois o frio não era

tão agradável. Os índios já se achavam em redor da fogueira. Um delles perguntou-me: Padre, não ouve? — O que? respondi, não ouço nada. « Escuta bem, continua o índio, escuta bem e ouvirás o rumor da cascata. » Puz-me a escutar attentamente e percebi, devéras, um longínquo rumor como que de um vento impetuoso que estivesse para desencadear-se. — Mas, então estamos já perto? — Perto nada, respondeu o boróro, ainda um pouco, só pela noite estaremos lá. Pareciamos, pois, que estivesse só a uns 2 ou 3 kilometros de caminho, e em vez... Anciosos de chegar logo á meta da nossa viagem, preparámos apressadamente tudo e puzemo-nos em movimento. Digo em movimento, porque por essas alturas não ha estrada, nem caminho: segue-se sempre, e unicamente, uma direcção determinada, muitas vezes com a bussola na mão. Cerca de meio dia, apresenta-se-nos um novo quadro: era a foz de um rio que se lançava no Rio das Mortes, que naquella ponto, largo e majestoso, começava a formar as correntezas. Parámos alguns minutos para contemplar a belleza da paisagem e descansar um pouco. Baptizámos aquelle novo curso de águas com o nome de "S. Luiz", pois a limpidez e a brancura daquellas praias condizião bem com a innocencia e pureza do angelico Padroeiro da mocidade. Sempre mais forte se ouvia o rumor ou melhor o fremito da grande cascata. Ainda um pouco mais e eis que atingimos o fim do nosso longo e escabroso itinerario. Vemos, pois, alevantar-se no ar e resplender com

as côrtes do iris a diaphana poeira humida que se precipitava no abysmo. O rio dividia-se em dous braços, e no meio uma rocha massiga se erguia como para intimar o curso das aguas; mas estas, indomitas e furibundas, lançavam-se velozes, precipitadas, vorticosas, espumantes, por uma e outra parte, estreitas entre duas paredes de granito. Parecia tremer a terra pelo rugir impetuoso. O rio, que pouco antes poderia ter a largura de 200 metros, reduziu-se, naquella canal, á largura de 6 a 8 metros; e assim, de pedra em pedra, de salto em salto, por uns 500 e mais metros, depois dos quaes os dous braços novamente se uniam e a corrente deslizava tranquilla e majestosa como para repouzar da lucta sustentada e preparar-se a novos embates. Eis que de novo se aperta o rio entre colossaes muralhas de negra pedra e se agita, freine e se contorce, saltando e borbullhando em brancas espumas; mas outra vez se acalma e alarga e corre sereno, reflectindo os annosos arvores e as esbeltas palmeiras, no espelho terso das suas aguas; e as ilhotas, as pedras e os rochedos que surgiam cá e acolá, davam um aspecto pittoresco e surprehendente. Era a calma iriante da lucta suprema; de improvizo, a enorme massa liquida avança vertiginosa e precipitadamente. Daquellas voragens, daquellas negras pedras, daquellas aguas ouve-se o rimbombo continuo como de surdo trovão; daquellas brancas espumas se eleva uma nuvem de candidos vapores que põem um véu ao abysmo que se abre sob os pés do viandante. Tudo produz uma impressão ao principio confusa e terrivel, depois extraordinaria e bella, como é bello tudo o que sahe das mãos de Deus, desdobrando assim

aos olhos dos circumstantes um quadro sublime. A vista se obscurece e o pé vacilla na beira daquelle abysmo, onde parece que tudo se move, eleva, aprofunda e transforma em vapor e vento. As ondas, na arcia daquelle amphitheatro immenso, impellidas pelas aguas que sempre cahem do alto, encontram-se, entrec chocam-se e batem-se horriavelmente nas negras muralhas que as circumdam. Eis a cascata, solenne e majestosa. As aguas succodem-se em extrema precipitação e ao velas avolumar-se, cahir e vertiginosamente revolver-se no fundo daquelle phantastico amphitheatro, os olhos ficam attonitos, contemplam, observam e não se fatigam, não se saciam da belleza daquelle quadro. E' obra do Creator, de cujas mãos tudo sahe, bello, attrahente, encantador, sublime. Uma como neve continua se levanta daquelle majestade da natureza e como aureola perenne se eleva sobre o abysmo e, aos raios do sol, se adorna e respande, e, como diz o nosso Stoppani em analogia circumstancia, o iris pouza ali tranquillo e immovel, verdadeiro symbolo de paz em tanta guerra. Abre-se o amphitheatro do lado opposto da cascata e dá livre desafogo ás espumantes aguas por um estreito canal pelo qual ellas precipitam-se furiosas; mas como cansadas de tantas luctas passadas, se acalmam e parecem buscar paz; mas em vão dissolvem-se as alvas escumas, porque mais em baixo precipitam-se novamente e de pedra em pedra, sem pausa, sem tregua, saltam e chocam-se e espumam raivosas fugindo em vortices até perderem-se de vista... E, como continúa o mesmo Stoppani, cheios, mas não saciados daquelle espectaculo, aproximando-se já o pôr do sol, não nos

restava sem o volver sobre os nossos passos, não para irmos ao albergue, como disse o celebre naturalista italiano, mas para preparar o nosso acampamento. A poucos passos d'alli, sob uma arvore, extendemos a nossa barraca. Enquanto os meus bons companheiros procuravam lenha e outras coisas, retirei-me á beira da suspirada cascata, onde rezei o breviário, elevando os meus pensamentos e a minha voz ao grande Deus do Cén e da terra, com um enthusiasmo indizível que me inspirava aquelle maravilhoso espectáculo da natureza tropical. Terminada a reza do Santo Offício, pensava que nome devia dar á cascata. Occorreu-me a feliz idéa de chamal-a com o nome do venerando Pontífice Pio X gloriosamente reinante. Contemplei uma vez ainda o quadro magnifico que se desenrolava ante os meus olhos como uma visão doirada, esbatida pelos ultimos raios do sol, e dirigi-me ao nosso acampamento. Já os meus companheiros me esperavam para o jantar. Comemos com satisfação, por havermos já attingido o fim da nossa viagem. Após a frugal refeição fomos fazer ligeira palestra á beira da cachoeira. Communiquei então, aos companheiros, a minha idéa. Disse-lhes: sabeis que nome pensei dar á esta cascata? Certamente não o podeis imaginar! Chamal-a-ei "Cascata Pio X", não vos parece bem?—Sim, sim! responderam todos unanimes, e todos de pé, erguemos um entusiastico viva a Pio X, o glorioso Pontífice reinante. Estávamos gratamente emocionados e a nossa exclamação parecia repetir-se além, perdendo-se entre aquellas solidões selvagens. Nessa noite não me foi possível conciliar o sono, tal era a emoção que

sentia n'alma; depois de muito casto, pôde adormecer aos sons fragorosos da cascata, que, contrastada com o silencio da noite, me parecia mais solenne. Não acoustumado com aquelles continuos rimbombos, de quando em vez me despertava, até que me levantei quando já a aurora estava proxima a apparecer, desejoso de ver aquelle magnifico panorama illuminado pelos primeiros raios do sol.

Ao som daquelle musica solenne, pathetica, celebrei a Santa Missa. Elevando ao céu a Hostia Santa, invoquei do Supremo Creator e doador de tudo, as bênçãos divinas sobre aquella terra virgem, afim de que nella, seja quanto antes, conhecido e amado o nosso divino Redemptor. Após a Missa, fui subito vêr a cascata. Estupendo espectáculo! Parecia uma extraordinaria fogueira; os raios do sol nascente illuminavam n'a, tingindo de vermelho aquellas brancas espumas. Uma nuvem de candido vapor elevava-se ao céu como columna de fumaça que sahisse de immensa e fervente caldeira. Creio que de muito longe se possa vêr, de manhã, essas columnas aereas. Tomámos uma chicara de café e logo procurámos dois grossos páus para fazer uma cruz que, no dia subsequente, consagrado ao Sangue Preciosissimo de N. S. J. Christo, queríamos plantar á beira daquelle riquissimo amphitheatro, dominando assim todo o ambito do suggestivo quadro natural. A cruz foi logo prompta, e, embóra rustica, servia optimamente para o nosso fim.

A poucos passos da cascata elevava-se grande pedra isolada de forma cubica, collocada lá, quem sabe desde quantos seculos ou pela força das aguas ou então por algum cata-

clysmo. Esculpimos nesse monumento natural o nome augusto do Summo Pontifice Pio X. Em seguida fizemos algumas observações topographicas e barometricas. Calculei approximadamente a largura do rio antes da cascata de 150 a 200 metros; e a profundidade, de 2 metros, mais ou menos. Do ponto mais alto onde começa a correnteza e a cascata, ao ponto extremo desta, medem-se, mais ou menos, 50 metros, de modo que tal seria, descendo o rio, a capacidade das aguas em uma extensão 2 1/2 a 3 kilometros. A pressão barométrica nestes dois dias foi na media de 734 no lugar mais alto da cascata, isto é, no seu ponto inicial; e no mais baixo, 738.

A' noite voltaram da pesca os nossos boróros. E pudemos jantar uma boa peixada. Antes de dormir, fui ainda contemplar a cascata. Observei cousa estranha: na obscuridade que tudo envolvia ella me apparecia illuminada por faiscas e raios de luz. Attonito, observei attentamente o phenomeno que se repetia successivamente, rapidamente. Vi que as faiscas luminosas, precipitando-se com as aguas, desapareciam e reappareciam depois, constellando de pontos brilhantes aquellas candidas espumas. Eram magnificos effeitos de phosphorescencia. Voltei ás nossas tendas e passei aquella noite dormindo tranquillamente ao incessante prazer da grande cachoeira.

O dia seguinte, festa do Preciosissimo Sangue de N. S. J. Christo, domingo, devia ser sollemnizado por um acontecimento sublime. Bem justo era e ussaz conveniente que neste dia os raios do sol viessem beijar o symbolo de nossa Fé! Após a Missa, que foi devotamente assistida pelos caros indios da nossa caravana, no ponto mais bello, ao lado da ru-

morosa cascata, arvorámos a cruz santa, cujos braços, entrelaçados com uma grinalda de flores sylvestres de delicada parasyta, se abriam para receber, no seu seio de salvação e de paz as almas ainda obscurecidas pelo paganismo e a barbarie! Depois de invocadas as bençãos de Deus sobre a dita cruz, unidos rezámos com o fervor que inspirava aquelle acto commovedor.

Agradecendo a Deus por se haver dignado de operar, por nossas mãos, esse commettimento triumphal, levantámos altisonantes vivas a Jesus Christo Rei dos seculos, a Pio X e ao Veneravel Padre Bosco; e com estes sentimentos de affecto e enthusiasmo religioso abraçámos e osculámos a cruz, que alli, como um monumento imperecivel da nossa fé, ficará dominando aquellas regiões, apontando ás tribus que as povôam o caminho da civilisação e da redempção dos povos!

Dando um adeus ao lugar que com suas belezas tanto nos impressionára, voltámos devéras com lagrimas nos olhos, ao nosso acampamento. Depois de ligeira refeição, preparámo-nos para a nossa retirada. Pois já a nossa Colonia, nos esperava ansiosa.

Partimos, mas não nos esquecemos de nos despedir da celebre cascata, que, pela ultima vez, saudamos delirantemente, gritando á una: Viva Pio X! Sem tardança, chegamos no rio "S. Luiz", onde passamos a noite que já vinha proxima, profundamente emocionados do que vimos e ouvimos nestes ultimos dias. Parecia-nos um sonho haver attingido a nossa meta, que era, como já sabeis, a grandiosa cascata, á qual legámos um nome tão bello e caro, sem duvida por uma inspiração mysteriosa do Céu.

No dia immediato, caminhamos já mais contentes, pois, não havia mais as arvores, as taquaras e intrinsecos cipós que nos impediam o passo quando passamos a primeira vez. Os nossos índios, beirando o rio, não perdiam occasião de flexar qualquer peixe. De repente, gritam-me elles: — *Padre, jarutadada caminã, uue, bacau kryge!* (não vêes? ha grande fumaça do outro lado do rio) e indicavam-me com o dedo. Na verdade observámos que, entre ramos e folhas, elevava-se ao céu densa columna de fumaça não muito longe de nós, além do rio. Seriam talvez os terríveis Cayapós, ferózes inimigo dos Boróros? Sem duvida serão elles mesmos, que terão observado a nossa passagem por estes lugares: e um sem numero de perguntas faziamos uns aos outros. Mas, disse eu, certamente elles se retiraram dalli por medo e acenderam fogo para nos inebriarem um pouco de terror. Não seria tambem conveniente que fizessemos o mesmo? Será este um meio para fazer-lhes vêr que não os tememos. Considerava eu, comigo mesmo que, si padessemos encontrar-nos com os taes cayapós, teríamos alcançado uma grande victoria, e a nossa viagem seria corôada com o mais esplendido florão. Puzémos logo fogo no mato, produzindo-se labaredas tão grandes, que nos foi preciso correr para não sermos victimas das chamas. Esse dia a nossa marcha foi mais intensa. Dormimos com receio de sermos aficados pelos Cayapós; mas, graças a Deus, não houve nenhuma novidade.

Ao despontar do dia seguinte, levantamos o pouso. Encontrámos logo o rio "S. Marcos", que atravessamos batendo os dentes, visto que fazia muito frio e a agua pare-

cia enregelar os ossos. Felizmente o sol não tardou a reverterar-nos fortemente e nos podemos aquecer. Logo após meio dia, demos com um correço, onde repousámos um pouco. Vimos passar, ante nós, por essa occasião um bando de veados cuja carne saborosa serviu-nos para reconstituir o organismo. Atravesamos sem difficuldade mais um grande bosque e um correço e, pela tarde, parámos nas fraldas das collinas, atraz das quaes aninha-se a nossa Colonia. Enquanto os demais da comitiva dispunham-se a pernoitar ali, eu com um desses bons companheiros espreceamos os nossos animaes que ainda pareciam fortes, e seguimos para a nossa Colonia. O nobre corsel parecia que tivesse intuito o meu desejo e caminhava com passo acelerado. Em poucas horas estavamos no alto da collina. O sol tinha apenas escondido a sua face sob um nimbo luminoso de flamejante purpura. Via, bem longe, no fundo dum vale, uma tenue nuvem de fumo: era o acampamento dos meus companheiros de excursão que eu deixara arraz. Dei o adeus ás vertentes do Rio das Mortes e fomos batendo o caminho: pelo doce declive da Colonia buscava distinguir nas sombras do crepusculo o lugar da mesma Colonia e os ranchos dos nossos neophytos. Os nossos animaes devoravam o caminho. Já na escuridão atravessámos o Barreiro, que dista uns 5 kilometros da Colonia. O meu cavallo, impaciente quasi me fazia tomar um novo banho nagua do riacho, mas Deus me ajudou e felizmente fomos adiante. Perto de 8 horas, mais ou menos, chegámos improvisamente e sem ser esperados á nossa querida Colonia. Reinava aqui um completo silencio. Os boróros, tranquillos com os seus

fogos accessos adiante das suas cabanas não perceberam a minha chegada. Em casa, estavam terminando as orações da noite. Ao sahirem da capella, os caros irmãos salesianos e os meninos irmãos correaram ao meu encontro, fazendo-me festa e mil perguntas. Estava cansado, mas satisfeito de abraçar os meus caros, após aquella perigosa, mas esplendida excursão.

No dia seguinte, pelo meio dia, chegaram os demais da comitiva e assim nos achamos todos em casa, sãos e salvos, graças a Deus.

Eis, em pallidos traços, a relação desta minha viagem de exploração em terras ainda virgens, entre perigos e difficuldades. Não hei de deixar de agradecer a Deus por haver-mos plantado lá naquellas immedições a Cruz redemptora, signal santo de nossa Fé. Em homenagem a Jesus Redemptor e em obsequio ao Papa a quem, como filhos de D. Bosco, veneramos e amamos com todas as véras de nossa alma catholica, ergue-se, pois, entre aquellas virgens matas a gloriosa Cruz, eterno symbolo da esperanza e amor, sublimo trophéu de victoria dnm Deus contra a morte, o qual no Calvario nos deu a vida. Luz refulgente que illumina e accende a fé dos povos e conduz á salvação os pobres selvagens sepultos nas trevas e sombras da morte. Sobranceira, vigia sempre do alto dessas rochas, ó Cruz das victorias, como impavida e eterna sentinella. Estes são os votos ardentes do meu coração de sacerdote e missionario. Digne-se de ouvir-me o Senhor. Como o Apostolo de Cristo, tudo confio na graça de Deus e nas orações das almas boas e puras que são força potente para attrahir as bençãos do céu sobre o campo ás vezes aspero e esteril do mis-

sionario. Olhe, benigno, o Deus de toda a consolação e generoso remunerador do bem, para as nossas fadigas e suores que, pela sua gloria gastamos em meio a estas florestas. Um espinho punge sempre o coração do missionario: é de ver nesses tão abundantes e tão poucos operarios! Que o Senhor inspire nobres almas a seguirem as nossas pegadas e cumprirem assim um apostolado sublime em prél de tantos infelizes filhos das selvas! A Igreja de Christo tem a cumprir a grande missão de salvar os povos. Mas, como poderá fazel-o, a respeito dos selvagens, si não fossem os missionarios, que, atravez dos bosques e alcantãs, levam as luzes de redempção e de civilização aos que lá dormem e por assim dizer vegetam?! Sem o missionario, pois, a Igreja não poderá effectuar este grande desideratum divino; nem os povos barbaros e selvagens não se poderão prostrar convertidos, aos pés da Cruz; Christo não será conhecido e amado como Rei dos homems e dos seculos e nunca chegará o triumpho completo o universal do seu Reino! Queira Deus N. Senhor, que por todos morreu na cruz, fazer ouvir fortemente a sua voz e inspirar a muitas boas almas o desejo de consagrarem as suas forças e toda a sua vida em bem e salvação de tantos selvagens e pagãos que ainda não tem a dita de conhecer e amar a Deus!

Oh! Senhor, escuta o voto deste pobre missionario, teu servo! Envia muitos operarios á tua vinha, e que o teu Santo Nome seja conhecido e amado por todo o mundo civilizado e barbaro ou selvagem!

Com respeito, me professo de

V. Ryina., leuão em J. C.

P.^{re} Antonio Calbuccini.

Missionario Salesiano.

Colônia Indígena "S. Coração" 8 - 12 - 1903.

O raio de luz

ROMANCE DE

M.^{me} REYNÉS MONLAURTRADUZIDO DA 69.^a EDIÇÃO FRANCEZA

PELO

Dr. J. J. de Freitas Coutinho

ESPECIALMENTE PARA A REVISTA "MATTO-GROSSO"

X

Como assistiu Suzanna até o fim aquella scena' extraordinaria? Como foi que, apesar das supplicas repetidas de Maria, tomava dahi a pouco com Sarah, o caminho de Jerusalem? Como, e effim, chegou até sua casa mais pallida que o morto, do qual se acabava de retirar o sudario? Ella jamais teria sabido dizer. Mas, quando Gamaliel, no terraço debruçado sobre os cotovellos, ao cahir da noite, viu Suzanna chegar precipitadamente, teve o presentimento de alguma desgraça; e, quando ella, de ordinario tão reservada, o alcançou com um grito: «Lazaro de Bethania resuscitou!», — a inquietação de Gamaliel se mudou em mortal afflicção.

Pousou a mão sobre a fronte da moça, e achou-a escaaldaute.

Ternamente, como quem trata de uma criança doente, conduziu-a até o seu pequeno quarto, e, obrigando-a a se estender sobre os largos coxins baixos, fê-la beber algumas gotas de licor de palma.

Naquelle quadro familiar e doce, elle lhe supplicou que não mais pensasse, que não mais augmentasse uma febre que um pouco de repouso depressa acalmaria. Assentou-se junto d'ella attento e affectuoso, como se fôr uma mãe.

— Fico aquí velando por ti, lhe dizia. Em pequena não tinhas medo

de nada quando tua mão repusava na minha. Velarei assim por ti e então poderás dormir.

— Mas, não estou doente, irmão, respondeu ella. Não tenho delirio, sei bem o que te digo. Jesus de Nazareth veio hoje a Bethania. Chorou vendo-nos todos chorar.

Calou-se ella um instante, com a lembrança ineffável, sorrindo ao Mestre invisível, e proseguia:

— Jesus perguntou: «Onde o puzestes?» Toda a multidão acompanhou o Mestre ao sepulchro. Elle então disse: «Lazaro, sai!» E Lazaro appareceu ainda envolto em seu sudario. Foi Martha quem lhe tirou o lençol e Lazaro lançou-se aos pés de Jesus.

— Mas não é possível! exclamou Gamaliel. Ha tres dias que morren em meus braços, tão joven, arquejando tanto, naquella luta final. E eu o acompanhei até o tumulo! Ti-veste sem duvida uma allucinação, minha querida!

Pergunta a Sarah, replicou Suzanna.

A velha creada, ouvindo sua a-um, fez um gesto de assombro.

Pergunta aos Hassidim: pergunta a todo mundo. Havia tanta gente! Jesus orava a seu Pai: «E' por causa deste povo, que faço estas cousas, dizia Elle, para que elles acreditem que vós me enviastes».

— Ah!... tu também crês; não é assim irmão?

— Irei a Bethania ao amanhecer, interrompeu Gamaliel, emocionado pela precisão dos pormenores. Desnua; supplico-te que não te perturbes. Saberei tudo te explicar na minha volta.

— Porque motivo me perturbaria? A vida e a morte estão entre as mãos. Elle é o Mestre.

E com uma expressão angelica, ella repetiu:

— Elle é o meu Mestre...

Mais calma agora e tranquilla como uma criança, Suzanna tornou a repousar sua cabeça no travesseiro bordado de flores raras e adormeceu.

Gamaliel partiu ao romper d'aurora. Antes de sua volta, porém, Nicodemo tinha vindo bater diversas vezes á sua porta.

Em Jerusalem só se fallava do milagre. Os Judeus em massa dirigiam-se para Bethania.

Todos os membros do Sanhedrim haviam sido convocados. Nicodemo vinha buscar seu primo para assistir á sessão, a qual ameaçava tornar-se tempestuosa. O Conselho se reuniu antes de voltar o grande mestre, que chegou na hora sexta, não occultando o seu espanto:

— Não ha mais que duvidar, disse á Suzanna. Não tiveste nem allucinação, nem accesso de loucura. Jesus de Nazareth, como Elias, resuscita os mortos. Vi Lazaro e lhe fallei. Com que inexprimivel emoção! Aquelle amortalhado sondou portanto os mysterios do além? Mas elle se conserva mudo sobre essas consas. Dir-se-ia que um véu se interpoz entre elle e o mundo invisivel. Ou elle nada viu, ou de nada mais se lembra. Diz somente que na hora em que eu lhe fechei os olhos, guardou a impressão de uma claridade ex-

traordinaria, depois, o eterno silencio... Ficou o mesmo, assim mesmo respeitoso e tão doce. Nunca no curso de minha vida, nunca tive uma expansão tão grande como quando o tornei a ver, fallando, olhando-me... Ah! sobre tudo aquelle olhar que sondou os abysmos eternos...

— E Jesus? perguntou Suzanna.

— Parece extranho a esse triumpho, disse Gamaliel com admiração. Faz essas maravilhosas obras como nós fazemos a nossa tarefa de todos os dias. Elle dizia hoje: «Caminhai enquanto tiverdes a luz». Evidentemente, assim comprehendia Elle esses prodigios acima das forças humanas. Deus visivelmente O assiste. A meu ver, não falta singo um elo á cadeia: como acabará aquillo? Esses proprios milagres não o illudem sobre a sua missão? Elias tambem resuscitava os mortos...

Pode a gente ser um grande propheta, sem ser o Messias: e nem Moysés, nem Isaias, nem nenhum dos oraculos não nos annuncia o filho de um carpinteiro. Emfim, o plano de Deus nos ha de apparecer pouco a pouco... Saibamos esperar.

— Por acaso terás fallado com Elle? insistiu Suzanna.

— Era muito difficil. Estava cercado de seus discipulos e de uma immensa multidão. Nunca o abordei; Elle por sua vez não me conhece, a não ser pelo ruido que se faz em torno de meu nome. E qualquer que seja a singularidade do que se passa, não posso, entretanto, confundir os papeis. Interrogam-me, mas eu nada interrogo. Entretanto...

— Entretanto?... repetiu anciosamente Suzanna.

— N'um momento em que eu estava mais perto d'Elle, fizeram-Lhe não sei que pergunta; o rumor que faziam em torno, me impediu de ou-

vir. Jesus respondeu: «Quem não está contra mim, está conmigo.» Lazaro me disse affectuosamente: — «Mestre, é com vossa: Jesus está olhando para vós! E era verdade. Pensei que o joven doutor adivinhava minha instinctiva sympathia, e respondi ao seu olhar com um sorriso.

Nesse momento Nicodemus entrou consternado.

— «Salas do milagre? exclamou Gamaliel.

— Ah! o milagre! quem o ignora? Toda Jerusalém está na estrada de Bethania. A cidade se acha n'uma extraordinária effervescencia. E' um transporte de enthusiasmo: «O Messias! o Messias! Achamos o Messias!» Todas as esperanças, todos os sonhos do povo estão exasperados até o delirio. Quanto a mim, esse milagre me perturba menos que suas consequências.

— O que queres dizer? murmurou Suzanna.

— Tres vezes durante o dia tenho vindo te procurar, mestre, continuou Nicodemus sem ouvir: e tu estavas sempre ausente.

O Sanhedrim foi convocado muito ás pressas. Não estavas, mas conheces a astucia dos sacerdotes.

Não ignoravam que Lazaro era seu discipulo e pensavam que, pelo facto de Jesus o haver resuscitado, talvez fosses tu mais inclinado a favor de sua causa. Assim passaram sem ti. Todos estavam convocados, os Sadduceus em maior numero. Foi um tumulto e um barulho ensurdecedor. Aquella aristocracia sacerdotal estava desvaireada. Diziam: «Todos correm para Elle. Si os deixarmos, uma sedição rebentará. Os Romanos virão tomar a cidade e nos arruinar a todos».

Eram odiosos de se ver. Aquella

familia de Hanan tinha risadinhas de hyena. Repetiam á meia voz que o diabo, quando quer, faz cousas igualmente prodigiosas, que o Galileu é um possesso—tu bem sabes que as calumnias lhe custam pouco—e que era preciso prendel-o por meio de uma recompensa e mata-l-o. Samuel ben Phabi entendia que se devia pôr a prego a cabeça de um homem e assim se expressava, fazendo e refazendo com enfiado uma prego de sua tunica de purpura. Sua elegancia impecavel não se deixa distrahir com essas misérias. Issachar ria-se: dizia que os destinos dos imperios e dos homens somente se deviam regular com a taça na mão e convidou a todos para um esplendido festim. Estavam todos horrendos e sinistros. São almas baixas e tão cruéis! e depois estavam vingando as chibatadas expulsando do Templo suas creaturas e ameaçando seu negocio...

Quanto aos phariseus, nossos irmãos, menos envilecidos, porém talvez mais constantes em suas implacaveis aversões, repetiam as maldições de Jesus com soberbo desdém. E Joehanan dizia que todos aquelles anathemas recabitiriam sobre a cabeça do Nazareno, reunidos em um só:— «Infeliz d'aquelle que se levantou contra nós.»—Pensas, mestre, que si fôr preso será processado perante esses juizes? E com que requintes de humilhação e de torturas hão de fazel-o morrer!

— Nada dissestes para defendel-o? perguntou impetuosamente Suzanna.

— Alguns, conmigo, protestaram. Sê benedito, mestre: eram os discipulos de Hillel e os seus: não que te julguem partidario de Jesus, mas por causa do vosso espirito de tolerancia e do vosso horror pela perse-

guição. Oh! eramos apenas tres ou quatro; mas, enfim, fazíamos frente ao tumulto. E de repente Kaiphás se levantou e exclamou:

—Nada vêdes, portanto. Para vós é entretanto mais vantajoso que um homem morra em vez de perecer toda a nação!

Acolheram essas palavras com acclamações; tinham acabado de convencer os fracos. O espectro de Roma, a guerra, a ruína, tudo isso valia bem a morte de um homem! E no entanto sabem que Jesus não é um sedicioso, que fugiu quando queriam fazel-o rei e que Elle repete sempre: «Meu reino não é deste mundo.»

—Disseste-lhes essas causas? Interrogou gravemente Gamaliel.

—Elles não querem ouvi-las, respondeu Nicodemo com embaraço. Tudo aquillo não é sinão um pretexto: sua sorte está determinada, é só questão de tempo.

—Não os arrancaremos de suas mãos, disse o grande doutor. Jurei prevenil-o e salvai-o. Ha uma única cousa a fazer: conservai-o fóra de alcance de seu odio. Philippo o Tetrarca, é um príncipe intelligente e humano. Jesus viverá em paz na Iturêa. Sei que si se retirar uma vez para alli, alguns annos, alguns mozes talvez passarão por sobre essa effervescencia e tudo isso se esquecerá. A vida nos impelle e os homens mudam. Jesus é muito joven, tem tempo para esperar. E' mistér prevenil-o.

—Mas tu sabes bem que Jesus de Nazareth está sendo vigiado agora como nunca. interrompeu Nicodemo com agitação. Os sacerdotes têm espiões por toda a parte. Si nos virem a qualquer de nós em conversa íntima com Elle, em primeiro lugar nos comprometteremos e de-

pois daremos sem duvida alguma o signal de rebato.

Poderíamos mandar Lazaro avisai-o. Porém tenho um outro pensamento. Suzanna deveria ir á casa de Maria e de Martha: ella pediria para fallar ao Mestre e lhe diria o que acaba de ouvir. Não é commum procederassim; mas o caso é excepcional.... Somente aquelles que amam, têm a intuição das desgraças que nos esperam: ajuntou Gamaliel com uma sombra de melancolia; «é com o coração que elles veem...»

—Irei, oh! mesmo que tivesse de perder minha vida por Elle, declarou Suzanna. Porque não entramos nós as mulheres, nesses conselhos? Creio que combateríamos de outra maneira por uma causa santa.

Não te accuso a ti que alli estavas; no entanto não soubeste confundil-os!

—Um contra todos?... replicou timidamente Nicodemo.

—Mas era a verdade contra o erro. Que importa ser um ou ser mil!

Si Jesus morrer, pensas que o seu sangue cairá somente sobre seus inimigos? Recalharia tambem sobre os amigos que o abandonaram!...

—E' verdade, disse Gamaliel. Somente um, um só compromette muitas vezes as melhores causas, defendendo-as imprudentemente. Não conheces aquelles homens.

Nicodemo nada pôde para convencel-os. Não se pôde vencer o odio e o medo reunidos. E isso é tão certo que si por desgraça, Jesus fosse preso, eu não assistiria á sessão do Sanhedrim, para não ser testemunha impotente de uma scena de horror. Repito: só ha um recurso: afastai-o. És tu que deves procurar convencel-o. Não falles aos nossos amigos de Bethania. Deixa-os em paz com sua alegria.

—Obrigado, oh! obrigado, irmão,
exclamou Suzanna com fervor.

Gamaliel tornou-se mais serio:

—Jurei defendel-o e mantenho
meu juramento. Dize-Lhe que dese-
jo salvá-o, porque Elle tem uma al-
ma de luz e porque diz cousas mara-
vilhosas. Dize-Lhe que o velho
mestre juden, embaldado ao sopro
da Graça morrerá fiel ao culto da
claridade e da belleza, e si, como
tantos outros fido votados á sua
missão ou ao seu sonho. Jesus faz
demasiado pouco caso da vida e da
morte, dize-Lhe: Gamaliel me man-
da vos dizer—«a terra está por de-
mais sombria para que aquelles que
a esclarecem, se vão antes do tem-
po.»

—E Lhe direi tambem que vos-
sas almas são bastante bellas para
se entenderem perfeitamente.

Ella parou, inclinada para seu ir-
mão com uma infinita ternura: e o-
lhando-o bem de frente com seus
olhos puros.

—E ajuntarei, si ousar ajuntar
qualquer coisa: «Senhor, elle crê,
ajudá a fraqueza de sua fé!»

Quilabá.

Continúa.

EXCELLENTISSIMO ET REVERENDISSIMO
DOMINO FRANCISCO D'AQUINO CORRÊA
ELECTO EPISCOPO

ODE

*Non accendunt lucernam et ponunt eam
sub mulo, sed super candelabrum, et in-
cedunt cum illis qui in domo sunt.*

(MATTH. V - 15.)

Lingua latina tam pulchra,
Sed, ah, huius pene deserta.
Nunc, date veniam, gratantem
Procuram in cantantem.

Gratulaudo incipiam ecclês.
Quot cognati, amici, fratres,
Excitationis huius festum
Agitis, laeti.

Veneranda, Ebi gratulor,
Illius Angeli Diocesis,
Adjutores qui in matris
Tum acceptabilem.

Tibi gratulor praesentem,
O fortissime Inspector,
Cuias sic laudares Deus
Partum distribuit.

Namque noster hic Franciscus,
Hodie Pontifex effectus,
Nomen etiam tua factura
Bona est dicendus?

Pastor bone, sed praecunibus
Tibi, ad maiora iuto
quam ut damam nam regeres,
Amantem gratulor.

Ece super candelabrum
Haece lucerna ardens, lucet
Hodie pontifex, ut videant
Qui sunt in domo.

Domus haec Ecclesia nostra,
Matto-grossenses fideles,
Tot illustrati fulgorebus
Luminis huius.

Plebs saepe nominasse
Pontificem narrationem,
De magnis illis Rectoribus
Populi Dei.

Sicut Moysi osenscenti,
Atque in grege pascunt
Terra non commissa mis,
Datur successor

João, felix introductus
Sic Ecclesiae nostrae iunxit
Restauratorem felicem
Electum ista.

Alter João sis, o Praesul:
Flumina difficultatum
Semp' et conspicias feliciter,
Pulchris sicis.

Incolumum meliorum
Sicut incensa tota Jericho,
Tua ducebat eadant
Circumstante.

Terra fluens lac et mel
Haece nostra exadat Diocesis,
Pingui gregi pascua ubera
Jugiter praebens.

Vota, preces, vires tempus,
Totum, quantum sum, offero:
Utamen habere meliora
Pontifex noster!

Cappon, deo vale piissimum
Involyto novo Antistiti,
Clamans modo iucundissima:
Laeto! gaudente!!

Abil 1844.

C. Antistiti M. FRANK.

Contraveneno religioso

CARTA OITAVA

Tolerancia e Liberdade.

Palavras claras: EST, EST; NON NON.—Diz-se: tambem os outros julgam ter razão—Os catholicos querem a liberdade para si, não para os outros—Baptizar as creanças antes que tenham o uso da razão é attentar contra a liberdade—E' preciso respeitar todas as opiniões.

SAUDOSO CARLOS.

á minha ultima respondeste objectando um mundo de cousas que teus collegas disseram: Nós catholicos somos intolerantes: tambem os outros julgam ter razão: é preciso respeitar todas as opiniões: queremos a liberdade tão só para nos etc. etc. Que diluvio! Procuremos, pois, desembaraçar esta moeda mui enredada.

Antes de tudo nota bem que eu aqui fallo não já de simples opiniões, mas de crassos erros contra as verdades definidas, erros que offendem a nossa religião ou em seus dogmas, ou em sua moral, ou em sua igreja, ou em seu chefe que é J. Christo no céu e o seu Vigário na terra. Ora nisto qual tolerancia pôde haver? O homem em virtude de sua natureza racional é feito para a verdade; e quando conhecea profundamente a verdade, quando d'ella adquiriu absoluta certeza, elle então em face do erro opposto, não pôde mais permanecer indifferente, não pôde mais olhar-o placidamente sem renegar em certa maneira sua natureza racional.

Porém se isto dá-se com relação a qualquer verdade e a qualquer erro, muito mais nas verdades que de todas são as mais relevantes, e nos

erros que são os mais perniciosos, isto é: nos erros que á religião levam offensa. Ser tolerante n'estes casos significa não ter na mente convicções firmes, não ter no coração sentimentos profundos, não ter verdadeiro amor para com Deus, para com a igreja e á religião. Esta, não outra coisa significa a tolerancia. Supponhamos que alguém viesse fallar de teu pae, e te dissesse que elle é um imbecil, que suas palavras não merecem fé, que a educação que te deu é um amontoado de imposturas e prejuizos; supponhamos que desta maneira fallasse outrosim de tua mãe, dizendo que ella é uma mulher cheia de caprichos e de vicios, imerecedora de qualquer attenção; mostrar-te-ias tu tolerante, e responder-lhe-ias estar qualquer um livre em pensar o que mais lhe agrada; e serieis vós da mesma forma igualmente amigos?

Pois então, nosso pae é J. Christo, e depois d'elle o seu Vigário; nossa mãe é a igreja, e sua palavra para nós é sagrada, e devemos estar promptos a testemunhal-a até o derramamento do sangue. Si alguém, pois, vier offender este nosso pae, e esta nossa mãe, si vier ridicularizar sua palavra, deveremos atural-o em paz, sob pena de sermos alcunhados de intolerantes?

Que assim proceda que não tem

fê, está claro; quem nada crê, tudo tolera, porque para elle tudo é igual; mas que progue tal tolerancia um catholico! isto teria algo de incrível, se a taes extravagancias não nos tivessem acostumado certos catholicos de meia tijella.

Chamem-nos de intolerantes e intransigentes, mas nós catholicos do velho *credo*, continuaremos a chamar as cousas pelo proprio nome, como nos ensinou J. Christo: *Sit sermo vester: est, est; non, non.* (*Matth. 5. 37.*). Si em materia de religião alguém disser um grande disparate, nós não diremos: este é um pensamento livre; mas sim: esta é uma heresia. Si se tratar de palavras injuriosas contra J. Christo, ou a Virgem S.S. ou ao Romano Pontífice, enquanto é Vigario de J. Christo, não diremos esta é vivacidade de espirito; mas sim esta é uma blasphemia.

Do mesmo modo as injurias, as ladroeiras, os sacrilegios não procuraremos adoçar-os com palavras meladas, mas chamal-os-emos sempre pelos vocabulos proprios.

Si os nomes são asperos, deve-se isto attribuir ás acções que são ainda peiores: *Est, est; non, non.* Nem creias, seja esta regra de somena importância. São as palavras expressão das idéas; logo da troca de palavras segue-se necessariamente a troca das idéas; e como muitissimo importa que em materia tão importante, não sejam alteradas nem confundidas as idéas, mas permaneçam claras e distinctas; por isso devemos conservar immutaveis as palavras para que subsistam firmes as idéas. Disto bem mostram terem entendido a importância summa certos corypheus da moderna tolerancia: por isso desesperando poderem attingir seus impios designios, até

quando permanecessem os antigos vocabulos; e por outra querendo fossem approvadas as acções indignas que collimavam, revestiram-nas de bellos nomes. Como fôra possível approvar contra a egreja e seus ministros certas rapinas e ladroeiras, se fossem apresentadas em sua nudez!? Pois bem, disseram; chamemol-as *anexações, liquiduções, converções*: imitemos o nosso Gioberti, que chamava, suas classicas contradicções, de *alternativas dialecticas*, e tudo sahirá ás mil maravilhas. E foi assim. Porém nos não queremos saber destes rodeios: *est, est; non, non.*

Mas, os outros também julgam terrazão. E' verdade; ora é sufficiente que assim pensem para serem justificados? Também os anarchistas julgam operar rectamente degolando os soberanos ou queimando cidades inteiras; serão por isso innocentes?

Nem menos sabio do que antigo é o rifão: *Stultum est dicere putabam.* Crêr de uma mamira, não desculpa, desde que é de dever crêr de maneira opposta. Ora este dever existe, não ha negal-o, no nosso caso. Na verdade o livre pensador está obrigado certificar-se: 1.º Se Deus fallou. 2.º De quem serviu-se para fallar. 3.º De que fallou.

E depois de tel-o conhecido está obrigado acreditar n'isso, mais ainda do que está obrigado o filho para com o pae, o discipulo para com o mestre. Para aquelles que verdadeiramente estão de boa fé a respeito da religião, se aquella em que estiverem fôr falsa, bem poderá a boa fé desculpal-os da pena; mas não poderá proporcionar-lhes o premio, isto é: o Paraíso que Deus prometteu aos sequazes da verdadeira reli-

gião. *Hæc est vita æterna, ut cognoscant te solam Deum verum, et quem misisti Jesum Christum.* (S. João. 17. 30.) A este prego consegue-se a vida eterna, e quem não desembolsar este prego nem pôde esperar conseguil-a. Nem me digas que elle accreditava fosse verdadeira a sua religião: diz um proverbio: — *O erro não faz pagamentos.* Supponhamos que tu vendas a um companheiro um livro de jurisprudência a dez mil reis, e elle pague antecipadamente a importância. Si tu logo depois perceberes que a nota

que te deu é falsa, acaso, remetter-lhes-ás o livro? Mas elle pensava ser boa aquella nota? Que importa? Isto tão só justifica seu proceder; mostra que não está culpado, sempre porém é verdade que *«o erro não faz pagamentos.»*

E pela mesma razão Deus não concede o Paraíso áquelle que não desembolsa o preço que vale, ainda que, posto o encontre em boa fé, não o puma. Disto porém tenciono falar-te mais de extenso outra vez.

(Continúa.)

Chronicas do Cuyabá

(Annuaes do Senado da Camara)

(Continuação)

Veio tambem com o general na mesma monção o padre Lourenço de Toledo Taques com os empregos de visitador, vigário da vara e parochio deste freguezia, provido pelo Exmo. Bispo do Rio de Janeiro, D. Fr. Antonio de Guadalupe. Chegando o dito vigário começou a devassar de visita, prendeu o antecessor, padre Manoel Teixeira Rabello, com grande estrepito e confusão, que tremia a terra e abalavam-se os montes, temerosos do rigor da sua justiça. Vendo-se o preso opprimido e vexado mais da soberbia e vaidade do que da justiça, aggravou para o juiz dos feitos da Corôa, que era o Doutor Lanhias Peixoto, como ouvidor desta comarca, o tomando este conhecimento do caso o mandou soltar ao que se seguiu publicou o vigário por publico excomungado, evitando o dos officios di-

vinos e ingresso na egreja, com o dictame de que o ouvidor se intro-mettêra a perturbar a jurisdição ecclesiastica. Pôz isto os povos em grandes confusões, e divididos em diversos pareceres, affirmavam uns que era verdadeiramente excomungado e outros que não, negando-lhe a maior parte do povo a fala, uns erentes e outros á maior cautela salvavam as consciências, sendo muito poucos os que lhe falavam. O general, neutral nestas cousas, por estar já desaboreado com o ouvidor em razão de não lhe dizer *amen* em tudo o que queria fazer, o aconselhando como devia (1).

(1) As questões havidas em Cuyabá entre Rodrigo Cesar e o ouvidor Lanhias Peixoto podem ser estudadas pela correspondencia do general, publicada no vol. XX do *Archivo do Estado do S. Paulo*.

Os grandes da terra, principalmente o provedor da Fazenda Real, Jacintho Barbosa Lopes, e outros, que, pretendiam a graça de Sua Excelência e ter nome em palácio, fomentava mais o vigário, fazendo-lhe as partes e dando-lhe a razão para que de todo se consumisse o ouvidor, porque Sua Excelência assim gostava. Cessou o ministro com o seu despacho, continuando o vigário com as admoestações ao povo que o tivessem por excommuniado, e nas plebeias questões sobre o caso, que quanto mais ignorantes mais disputavam na materia (2).

Sobreveiu a isto o matar um ne-

gro a seu senhor nas *Lavras do Ri-beirão*. Dovassaram os juizes ordinarios, prenderam o negro e pronunciaram pela culpa provada. Queria o general que o ouvidor fizesse enforcar o negro, dizendo que para exemplo dos demais; respondia-lhe o ouvidor que o fizesse Sua Excelência que em semelhantes casos tinha despotica auctoridade como general, ou que o fizesse o povo que elle o não impedia, e não elle como ministro que só estava obrigado a guardar as leis e estas lhe não davam tal auctoridade, nem esta ouvidoria tinha ainda regimento dado por Sua Magestade em que tal poder se lhe desse.

Deixadas as disputas disse-lhe o general que ou enforcasse o negro ou cedesse o cargo de ouvidor que elle proveria em quem muito lhe parecesse. Respondeu-lhe o ministro que lh'o dissesse por carta para nella ter sua defesa: fê-lo Cesar por carta, deixou o ouvidor o cargo e a villa e foi com o brigadeiro Antonio de Almeida (1) para a *Chapada*, por onde andou alguns tempos em descobrimento de ouro e caçando perdizes.

Ausente Ianhas da villa fez logo Cesar ouvidor a Antão Leme, aconselhando-o que enforcasse o negro, o que logo se executou (2).

(50) Aqui vem a seguinte nota de Diogo Ordoulhes:

«Não duvido que houvesse estas disputas entre o general e o ouvidor e que este, desgostoso, procurasse o pretexto nas suas molestias para pedir com muita instancia ao mesmo general como fez pela carta que lhe escreveu a 8 de Abril de 1727 a qual está registrada no livro 1.º dos Registros, a fls. 28, que esousasse do despacho e avisasse ao juiz mais velho para que, em forma da lei, servisse o cargo de ouvidor, o que com effeito fez o general, escrevendo no mesmo dia uma carta ao capitão Rodrigo Biendo Chassini, que era o juiz mais velho, accusando ao mesmo tempo que lhe escrevera o doutor Lanchas, a qual está registrada a fls. 28 verso do dito livro. E logo entrou no dito exercicio o sobredito Rodrigo Biendo, mas, ascertando-se este em Junho do mesmo anno de 1727 para povoado, por ordem do general, foi eleito em seu lugar juiz de barrete o mestre de campo Antão Leme da Silva a 16 de Junho do dito anno de 1727, como consta do livro 1.º de veranças, a fls. 17 verso; em cujos termos já se vê que enganou-se o historiador em dizer o que diz respectivamente a eleição do dito Antão Leme.»

Toda a correspondencia trocada entre Rodrigo Cesar e Ianhas Peixoto vem publicada no vol. XX do *Arquivo do Estado de S. Paulo*.

O mestre de campo Antão Leme era irmão de João Leme, que foi decapitado na Bahia em 1723, e de Lourenço Leme, assassinado em Ararytguala neste mesmo anno, e todos com filhos de Pedro Leme da Silva, paulista illustre, cognominado o *Torto e Corvo*, que esteve nos sertões da Vacaria e Yguatemy, em 1682, e affirmou os nossos direitos sobre aquella região, disputada pelos hespanhóes do Paraguay. Antão Leme foi tambem um paulista notavel e prestou bons serviços ao governo em Minas-Geraes e Cuyabá, como o prova a sua patente de mestre de campo, publicada por Azavedo Marques nos seus *Apointamentos Historicos*.

(N. do C.)

(1) Brigadeiro Antonio de Almeida Lara, paulista illustre que introduziu no Cuyabá o cultivo da canna de assucar. A patente de brigadeiro foi-lhe dada pelo governador Rodrigo Cesar, que nella relata os serviços prestados por este distincto cidadão. A *Chapada* era fazenda sua. Diz o chronista Pedro Taques que as muitas despesas feitas por Antonio de Almeida Lara reduziram-no á pobreza, mas que em viagem para novos descobrimentos, em Matto-Grosso, o seu cavallo tropeçou em um caixão de ouro, escondido por algum desconhecido que nunca o reclamou. Guardou para si esse thesouro, pagou as dividas e reconstruiu a sua fortuna arruinada. Viveu solteiro morreu em Cuyabá em 1750.

(2) Aqui vem a seguinte nota de Diogo Ordoulhes:

«Pelo que fica mostralo se vê que se o doutor

Com este labyrintho de execuções nos que vinham do povoado para pagarem os direitos das entradas e com os que cá estavam pela lotação dos quintos e dizimios dos fructos, excommunhões, em que todos se consideravam incursos, pois bastava não ser inimigo declarado do doutor Lanhos para se affirmar que estava como elle excommungado, fome e peste, que tudo ao mesmo tempo laborava. Viu-se o povo tão attennado que desertaram muitos para povoado, que pelos barrancos dos rios iam ficando mortos aos montes; outros para os seretões a buscar os gentios *Boróros* e *Parecis*, descobrindo-se então esta nação, depois do que se foram vendo nestas minas muitos vendidos como escravos por aquelles que os iam buscar (1).

(Continúa)

«ouvindo recebesse carta do general que lhe ordenava que largasse o cargo certamente que o dito ministro não só a havia de fazer registrar, mas também havia de fazer menção della na carta que escrevem ao general, assim como este o faria na que escrevem ao capitão Rodrigo Ricardo, como juiz mais velho. Segue-se, pois, que não houve tal carta de que se trata neste «paragrapho». — *Ordonhães.*»

Este argumento, conquanto muito razoavel, não destróe a affirmação do outro, porque si o registro da carta era conveniente, não era absolutamente necessario para provar a sua existência. Reconhecida a firma do general e bem guardado o documento, ficava Lanhos garantido.

1. Os indios *Boróros* ainda hoje occupam a região sul de Goyaz, até Santa Anna do Parna-hyba. Pelos annos de 1740 elles foram amansados pelo coronel Antonio Pires, aldeados e armados, e prestaram excellentes serviços ao governo de Goyaz. Vide Anno I do vol. XIII do *Arquivo de S. Paulo*.

(N. do C.)

DO SAHARA...

Algumas horas antes de emprender a travessia do Sahara, para uma importante missão scientifica, um desses sabios, a quem o orgulho tem apartado de Deus, se despedia de um chego arabe chamado Zobeir, fervoroso adorador do filho Alah e fiel observador das preceitos do Alcorão. Pallavam de sua amizade, tão recente e já tão profunda; de seus projectos, de suas ambições

e, mais que tudo, dos azares e fadigas daquelle ariscada expedição. Quanto sinto não poder acompanhar-te! disse o arabe, que, durante alguns dias o hospedara com a maior franqueza e cordialidade. Porém a enfermidade do meu primogénito, do meu formoso Kaidar, me retém, a mim pezar aqui. Si a melhora continuar, partirei até metade da outra lua com a caravana que sahirá daqui para dirigirse ao fértil oasis de El Fezan. — Então nos encontraremos em Murzoh, onde devo permanecer uma temporada bastante larga. Que fortuna! — Que a benção de Alah te acompanhe até alli! A que hora é a partida? — Si tudo está disposto, como espero, emprehenderemos a viagem logo que a briza da tarde mitigue um pouco os ardores deste sol de fogo. Esta noite estaremos em pleno Sahara, só na immensidade dos areos, onde impera o simoth, que, segundo affirmam os que puderam escapar-se de suas garras é um soberano que dá muito mais tratos: não quizeu encontrá-lo. — A estação é boa e suas excellentes guias, disse o arabe pensativo, porém o deserto é traidor e suas solidões escondem mais perigos que as do Oceano. Além disso, ouvi dizer que alguns dos poços estão secos. Quiera teu Deus proteger-te até que termines felizmente a viagem!

— Deus, respondeu francamente o sabio, tem muito que fazer para occupar-se de meus negocios. Parece-me mais acertado em mesmo regulá-los, que dar a Elle esse cuidado. Zobeir ficou um instante silencioso. Seu energico semblante tostado pelo sol de sua patria, expressou assombro e quiza, decepção. Logo replicou com voz firme: Quasi que sou filho do deserto, e não me atreveria a interromper em seu seio, sem antes haver implorado a protecção de Alah. Recearia perecer de sede, ou extraviar-me em suas ardentes planuras, se não creesse que me acompanhava, como a luz de uma estrella benfazeja, a sua vista omnipotente. — Por não fiar-me della leve as guias, objectou o sabio, com desden. Porém o tempo urge e tenho que terminar meus ultimos preparativos. Até Murzoh, a percha do oasis! Até logo, meu amigo!

Porém somente o arabe chegou ao sitio aprazado. A caravana do sabio, accommettida pelo furacão, perdeu o caminhar e pereceu de sede nos areos. Quando Zobeir soube do triste fim da seu amigo, attenuou-se-lhe o semblante, um vên do triste cobrio-lhe o rosto energico e exclamou em tom dolorido:

— Oxalá sua alma suba à sonda do Parniso que Alah prometteu aos justos! Bem lhe disse eu que as solidões do deserto são cheias de perigos, e que nellas se perdem-se e succumbem aquelles que não tem por guia o olhar santissimo de Deus!

(La Semana Religiosa)

— O papá disse-me que eu nasci em Itá e a mamã em Jacarety.

— É verdade.

— E o papá onde nasceu?

Na Bahia.

Que coisa exotista. Parece impossível que todos tres nos tenhamos encontrado



Parnaso mattogrossense



LUCIO de MENDONÇA

A S. Exc. Mons. Francisco de Paula Rodrigues.

*Quando o condor da serra e o albatroz dos mares,
A garça e a borboleta amam fender os ares,
Na primavera em flôr,
Quiz remantar ao céu uma alma de poeta,
Êmula do albatroz, da branca borboleta,
Da garça e do condor.*

*Elle excedêra outr'ora os pinheiros de Minas,
Embalando-se à flôr das "nervas matutinas" (1)
Da quadra juvenil;
E voz como de flauta ouvín-se então cantando
"Alcoradas" de amor pelo azul calmo e pando
Do infinito Brazil.*

*Sua alma de pastor como a alma de Virgílio,
Bucolica, gentil e mesta amava o idillio
Das florestas nataes;
Poeta do que foi, seu estro era a saudade
Desse illusório amor que, ephemero, se evade.
E que não volta mais!*

*Amara com o ethereo amor de Lamartine,
Que nem a carne vil, nem o mundo define,
Mas evola-se alfin
Nesse infinito sonho em que esvai-se nossa alma,
Como as ondas do mar vão perder-se na calma
Do horizonte sem fim...*

*Seu verso era o gorgoejo enumorado, incerto,
Triste do sabiá no mangueiral deserto,
Quando aponta o luar;*

(1) "Nervas matutinas", bem como "Alcoradas", "Vergastus" e "Visões do abysmo", que se deparam linhas abaixo, são, como é sabido, os títulos de varios livros poeticos do Dr. Lucio de Mendonça, os quaes bem marcam as differentes phases da sua evolução psychica.

*Era o chitro taful, estridulo, ridente
Do colibri roçando a planura carente,
Como flecha a roçar...*

* *
*

*Mas ai! que desdenhando as musicas divinas
Do amor, o cysne faz-se abutre, e nas rapinas
Nada, nada o detém!
Fascinam-lhe a razão inspirações nefastas,
E as azas geniaes armam-se-lhe em "vergastas"
Contra a verdade e o bem.*

*Eil-o pousado á beira esqualida "do abysmo",
Onde do crime ulula o surdo cataclysmo
Em tragicas "visões"!
E já do Itatiaiu em cima das quebradas,
Rolam sons de clarim tangendo as alcoradas -
De atras revoluções!*

*Seu verso então o rythmo audaz da Marselheza,
E, ardega, a inspiração vibra em odios accesa,
As fulmineas, fataes,
Rubras scintillações das odes de Carducci,
Quer fulmine o poder, quer em fogo debuxe
Seus torvos ideaes!*

*Bardo! a estrophe que sangra á luz como um delicto,
Como um palpité vil, como um rebelde grito
Da alma contra a razão,
Sublime pode sêr, como é sublime o ronco
Do touro ou do jaguar pelo deserto bronco,
Mas digna de homens, não!*

*E enxovalhaste, garça, a nitida plumagem
Nos ludros aquaçaes, onde, famintas, vagem
Ninhadas de reptis!
Condor! baqueaste ao chão desde os celestes Andes,
Encardiu-te a procella essas azas tão grandes,
Albatroz infeliz!*

*Borboleta do amor, borboleta das rosas,
Como foste queimar as azas primorosas
Em raiva tão feroz?!
Ai! quem, quem pode erguer-te ainda ao céu brilhante,
Oh! pobre mariposa, oh! condor rastejante,
Oh! garça, oh! albatroz?!*

* *
*

Noite. Na alcova a sós, sem luz, sem esperança,
 Estrella da manhã, vasqueja uma creança,
 E esmorecendo vai... (2)
 Feito a estatua de dôr do moribundo athleta,
 Vai morrendo com ella um coração de poeta,
 Um coração de pae!

E eis... pallido, febril, descaído, sombrio,
 Surge o cate, sentindo a loucura, o vazio
 Cingirem-lhe a razão...
 Abre a janella... Fôra, oh! que socego immenso!
 A lua qual branca hostia entre cirios e incenso,
 Inspira a oração.

«Oh! Deus da minha infancia, oh! Deus santo e potente,
 «Deus da religião que na alma inda innocente,
 «Minha mãe me verteu! (3)
 «Deus! minha filha morre! Oh! salva-m'a, si existes;
 «Salva-m'a, e creio em Ti! Salva-a, e meus labios tristes
 «Cantem ao nome teu!»

Calou-se... E quando além, no parque e na floresta,
 A madresilva abria as flôres para a festa
 Da crastina manhã,
 Da menina tambem, na alcova illuminada,
 Aos beijos de seu pae, sorria a bocca amada,
 Rosea, festiva e sã!

* * *

Foi a primeira aurora em que o altivo poeta
 A alma elevou a Deus, penitente e repleta
 De fé, esperança e amar.
 Depois a estrella d'alva e a estrella vespertina
 Sempre ouviram boiar no aroma da campina
 A oração do cantor.

(2) Este facto, que data de 1902, foi narrado ao auctor em S. Paulo, no convento da Luz, a 4 de Dezembro de 1909, pelo proprio Mons. Francisco de Paula, intimo amigo do Dr. Lucio, na occasião em que acabava de chegar do Rio, onde fôra levar os ultimos soccorros espirituaes ao moribundo poeta. Este, conquanto já cego, logo o reconheceu e lhe disse arquejando: «Padre Chico, que Deus me perdoe de ter sido tão ruim!» Dias depois, confessava-se contritamente para expirar.

(3) Estes tres versos reproduzem os seguintes de Lucio, nas "Vozes do seculo":

« Santo Deus de minha infancia,
 «agrada religião,
 Que minha mãe de seus labios
 Me verteu no coração... »

*A voz do peccador sobe ao céu numa prece,
E de lá, condensada em lagrimas, lhe desce
A dôr que leva a Deus.
E eis que ao padre humilhou-se o poeta blasphemo,
Implorando á suprema hora o perdão supremo
Para os delictos seus!*

*Fôra de vêr-te assim, atquebrado, desfeito.
Extincta a luz no olhar e a inspiração no peito,
Caduco trovador!
Fôra de vêr-te assim, como a estatua quebrada :
Da mundana illusão, pregando ao mundo o nada
Das glórias e do amor!*

*Fôra de vêr-te ao pé dessa negra estamenha,
Que tanta vez mordeste em satyra ferrenha,
Com dentes de chacal!
Fôra de vêr-te assim, teus versos condemnando
No leito da agonia, austero, venerando,
Supremo tribunal!*

*Mas ora que do padre á voz solenne e calma,
O perdão do Senhor illuminou tua alma,
Como doce arrebol,
Canta eterno no azul, meu candido poeta,
Gemco do seraphim, do santo, do propheta
E da estrella e do sol!*

S. Paulo, 1910.

AQUINO CORREA



Discurso

pelo quintannista diplomado, Sr. José Lavaquial Biosca,
orador official da turma.

Exm. Sr. Dr. Secretario de Estado.
Rvmo. Snr. P. Director.
Prezados mestres.
Caros collegas.
Exmas. Senhoras e Senhores.

Ao dirigir-vos neste momento a palavra não pretendo dar mais realce á festa, ou augmentar a solennidade deste acto. Nem tão só venho desempenhar-me de uma obrigação que a praxe tornou commun. A minha palavra tem um fim mais modesto. Sem revestir-se das flores rethoricas que a eloquência sabe espargir, procurará ungir-se de sentimento e verdade, a fim de pôr em relevo, as considerações que neste momento surgem espontaneas no meu espirito.— Collima entretanto desempenhar-se da grande divida que contrahimos para com os benemeritos educadores Salesianos que, com tão rara competencia, dirigem este merecidamente conceituado Estabelecimento de ensino.

A concurrencia da elite cuiabana, as notas festivas das delicadas peças, a ornamentação primorosa deste salão de actos, tudo nos diz que nos reunimos para presenciar um acto summamente interessante, grandioso e apto a captivar as sympathias de tanta gente.—Nem podia ser diversamente. E' o dia do encerramento do anno lectivo, dia sempre bello, sempre suspirado pelos alumnos, porque se lhes afigura cingido de uma aureola resplandecente

que vem pôr em destaque a uns o quadro completo e expressivo do anno inteiro, a outros uma serie saudosa de varios annos perpassados nos trabalhos escolares das aulas, ou das officinas.—A nossa vida quasi monotona em sua regulamentação disciplinar, transformar-se hoje repentinamente num irromper de enthusiasmo dos nossos peitos juvenis. Pois o dia de hoje vai ser para nós o indice de nossa força intellectual e moral, o prognostico do nosso futuro.—Leitura de notas obtidas em nossas lições, conferimento de attestados e diplomas, honrosas condecorações e premios, tudo nos diz que a scara madureceu e se colheu, que findou a luta e o combate, e a voz da sineta que durante todo o anno exerceu com a mais rigorosa exactidão chronometrica o pontual officio de despertador inexoravel, chamando e excitando-nos para o trabalho e o dever, bate hoje a recolher e conduz-nos ao abençoado descanso ferial....

Como o viajor que após longa e perigosa jornada vai relembrando em sua mente as peripecias e perigos do caminho, e sente o coração bater de alegria, e alvoroçar-se de contente, tal o nosso estado psychico no dia de hoje. D'aqui a poucos instantes os nossos nomes serão repetidos á presença desta que aqui vedes, illustre assembléa. Cada qual ouvirá o *veredictum* que o jury constituido pelo corpo docente deste Lyceon, houve por bem pronunciar.

A proclamação que vai ser feita de cada um de nós, dir-nos-á claramente o que conseguimos adquirir no decurso do anno, de novos e uteis conhecimentos que devem illustrar a nossa intelligencia e demais faculdades do nosso espirito. Para isso servia-nos o Lyceu. Para esse fim separámo-nos de nossos paes com vivissimas saudades que fomos curtindo durante um longo anno.—Dentre todos, porém, destacar-se-ão as figuras dos que souberam com mais valor e tenacidade combater as lutas da intelligencia e do trabalho. Serão os premiados nas differentes materias em que souberam distinguir-se. Soldados valentes e destemidos venceram mais gloriosamente que os outros, depois de terem conservado sempre as posições mais avançadas nas fileiras de nossos batalhões escolares. Não lhes teremos inveja, meus caros companheiros, longe de nós esse pensamento indigno e vil. Se elles venceram com triumpho, nós lhes seguimos a pista. A consciencia nolo diz, assim como elles, e seguindo-os de perto, luctamos, trabalhamos, estudamos.—Porém, meus Srs., a nota característica de nossa festa o relevo mais forte e saliente deste quadro, será o conferimento do diploma a 4 desses alumnos. Um estudante, um sapateiro e dous alfaiates. Constituem elles a realza desta festa. Para elles hão de convergir as vossas atenções neste momento e dirigir-lhes-eis as mais entusiasticas manifestações de regosijo e applauso. Elles assignalam hoje mais um termo glorioso nos annos desta casa de educação, e estabelecem para si um marco milliario que já-mais hão de esquecer em sua vida. Deixam por assim dizer de ser menores e tutelados, e adquirem já

de homens habilitados para honrarem com seus trabalhos a sociedade.

O titulo de habilitação que vão receber, apresenta-os oficialmente á sociedade que os recebe adju licando-lhes o direito de filhos emancipados e valentes. A semelhança dos antigos jovens romanos que despiam a tunica da puericia para vestirem a clamide viril, ou como nos tempos medievaeos os jovens cavalleiros recebiam a espada que os fazia guerreiros, tambem nós, ó amados collegas, vamos vestir a clamide e receber as armas para os futuros combates.

E com que vantagem!... Por quanto nos tempos barbaros a sociedade de continuo ameaçada pelas hordas selvagens de inhumanos conquistadores, podia a seus filhos força material e destreza militar para a propria defesa; hoje porém, que o progresso scientifico e industrial vai dirigindo com um crescendo sempre mais accentuado de estadio em estadio as camadas sociaes para novos horizontes mais amplos e humanitarios, generalizando sempre mais a idéa fundamental do bem e da fraternidade entre toda a grande familia humana, hoje a sociedade pede-nos que a illustremos com nossas habilitações adquiridas para o progresso e desenvolvimento das artes e das sciencias, do commercio e da industria. Eis a nossa tarefa, companheiros diplomados, eis o nosso compromisso, eis o nosso titulo de nobreza!...

—
Pela instrucção e educação recebidas, vamo-nos atinar, preparados, ao pelago immenso do mundo; uns para trabalhar com afico em prol da sociedade e da Patria extremecida, eu para continuar si a Deus aprouver, no curso academico a mi-

alia carreira de estudante. Cremos levar connosco sufficiente somma de energia moral, producto da sabia tutela que sobre nós exerceram os nossos mestres. Sim, queridos preceptores, a nossa gratidão para convosco permanecerá eterna, a vossa memoria durará connosco indelevel! E vós, amados collegas, que aqui deixamos, acceitae hoje as nossas despedidas. Desculpae e perdoae as nossas faltas e exemplos nem sempre dignos de serem imitados. Fazei como os nossos superiores que tudo esqueceram e perdoaram. Conservae-vos dignos dos vossos dignissimos pedagogos. Melhor do que nós, aproveitae a sciencia e o carinho que elles dispensam aos seus alumnos. E' um dever sagrado que a todos nos liga. Alumnos desta Providencial casa de educação, a sombra de M. S. Auxiliadora, bafejados pelo halito inspirador do veneravel D. Bosco, cumprenos levar bem alto a bandeira da honra, do trabalho e da virtude. Por onde quer que fórmos, lá onde os destinos do céu nos derem partilha na convivência social, havemos de proclamar bem alto o merecimento dos nossos mestres e preceptores, com a integridade de nossa vida, com a morigeração dos nossos costumes e o completo desenvolvimento dos nossos brios de cidadãos uteis á Patria, e de catholicos honestos e virtuosos. Dizei-me, collegas, que acceitae connosco solennemente este nobre compromisso! Dizei-me que havemos todos de cumpri-lo. Sirva elle de penhor sagrado que aqui deixamos, como digna e merecida retribuição aos beneficios que recebemos de nossos mestres e preceptores. A todos elles, muitissimo obrigado!—Queridos mestres, collegas, senhores, adeus!..

DIPLOMA e TRABALHO

DIALOGO

Joaquim, João, Hydebrando

Joaquim. — (*entrando*) Fallas ou não fallas?

João.—Eu, não senhor.

Joaquim.—E voce?

Hydebrando.—E eu tão pouco. Minha opinião, como já te disse, era que um de nós devia ser o orador official da turma; desde que não foi acceita não quero pôr-me em palpos de aranha.

João.—Optimamente, concordo contigo. Neste anno devia-se fazer como nos outros annos. Um de nós devia ser o orador official, apparecer na tribuna e soltar o verbo. Então a festa seria bonita e os apprendizes teriam desta feita outro-sim continuado a tradição gloriosa.

Joaquim.—Cabeças de cabaca! Não ha peor cego do que aquelle que não quer ver! O que devia eu fazer? Vós me encarregastes ir ter com o professor para pedir-lhe um discurso. Pois bem, fui. E elle me perguntou de rijo: Quem é que falla dos tres? Ora, nenhum de vós queria fallar; e eu não me sentia apto a desempenhar o papel. Apresentei as difficuldades ao professor, e elle resolveu o problema differentemente de quanto eu pensava.

Hydebrando.—(*com interesse*) Que disse elle?

Joaquim.—Ponham-se os nomes em uma urna e extrahia-se por sorte o orador.

João.—(*alegre*) Porque não acceitaste tal proposta?

Hydebrando.—(*com alegria*) Naturalmente, devias acceitar.

Joaquim.—(*sentido*) Devias acceitar! e porque tu me disste

que não querias absolutamente ser o orador?

Hyldebrando. — Foi natural modestia e tambem porque queria me fizesseis um pouco de insistencia.

João. — E tambem eu teria fallado.

Joaquim. — E eu, repito, não me sentia; e por medo que a sorte cahisse em meu nome não acceitei a proposta do professor.

Hyldebrando. — E assim a turma dos apprendizes neste anno não terá o orador official... Isto não tem graça.

João. — E nos annaes do Lyceu figuraremos como os ultimos de quantos alumnos diplomados apprendizes, houve até agora.

Hyldebrando. — E tudo isto por tua causa, sr. Joaquim.

Joaquim. — Por minha causa?... Por minha causa é maneira de dizer. O professor é homem decidido, o que quer, quer mesmo. Que não diria elle se sabindo o meu nome eu não acceitasse?

João. — Mas eu te substituiria.

Hyldebrando. — E eu tambem estava prompto.

Joaquim. — Então porque mentiram fazendo-se de preciosos? Só palavras, e nada mais. E depois sabeis?... quem quer, vai, e quem não quer, manda.

João. — E agora o que faremos?

Hyldebrando. — Como poderemos reparar tamanha lacuna?

Joaquim. — E' muito facil.

João. — (*surprehendido*) Como é muito facil!

Joaquim. — (*mostra o programma*) Não vês? No programma está este titulo: DIPLOMA E TRABALHO — Dialogo pelos alumnos apprendizes diplomados.

Hyldebrando. — E então?

Joaquim. — Então digamos tu-

do o que sabemos a respeito do diploma e do trabalho e, eis desapparecido todo apuro.

João. — (*rindo*) A's mil maravilhas! nunca teria pensado fosse tão vasta a tua intelligencia.

Hyldebrando. — Ah!... elle tem uma intelligencia larga e funda que mete medo.

João. — Sim, é um verdadeiro poço.

Joaquim. — (*serio*) Deixem de brincadeiras, eu não admitto brincadeiras em cousas serias.

Hyldebrando. — Sim, sim; vamos logo ao serio.

João. — Então diziamos?

Joaquim. — Que devemos fallar do diploma e do trabalho.

João. — (*pensativo e incerto*) Eis... que temos recebido o diploma.

Hyldebrando. — Sim, temos recebido o diploma.

Joaquim. — Adiante, não sabeis dizer mais nada?

João. — Eu não.

Hyldebrando. — Nem eu.

Joaquim. — Vejam só senhores, e com este preparo intellectual queriam elles fazer um discurso! Oh! céu onde iamós parar! Cabeças de abobora o que tendes nesses miolos?

João. — Intelligencia, e só intelligencia!

Joaquim. — Não parece.

Hyldebrando. — E' axioma. Está pois demonstrado.

Joaquim. — Está demonstrado como a quadratura do circulo.

João. — Devagar, meu amigo, devagar; deixemos de brincadeiras e entremos logo no serio.

Joaquim. — Sim, entremos no serio, e começa tu deitando o verbo.

João. — Diploma... Meiga palavra cheia de magia e encanto para os nossos ouvidos. Synthese conso-

ladora de todas as lutas sustentadas á porfia durante longos annos de estudo e applicação. Rutilante estrella que nos clareia a senda do porvir a embalar-nos entre esperanças e sonhos de ventura.

Hyldebrando.—O diploma! reflexo aspero sim, mas ao mesmo tempo nobilitante de todos os obstaculos vencidos, de tantos suorres derramados e que muitas vezes tem humedecido as peças de trabalho a que davamos os ultimos ademanos!

Oh! como nossa mente refrigera-se como sente-se a alma inundar-se de um balsamico lenitivo ao pronunciar esta palavra Diploma. Possas tu, diploma querido, perpetuar este justo gaudio e prolongar-nos amanhã e sempre as consolações a que tem direito os que logram arrostar e vencer as lutas da vida pratica na sociedade.

João.— Então, caro Joaquim, sabemos ou não sabemos fallar.

Joaquim.—Eu fico pasmo. E como sobrestes saudar tão bem o diploma que hoje recebemos, uma saudação, eu vos peço, para o trabalho, pois é a segunda parte do dialogo, que aqui apparece no programma, e demais a mais, bem digno é o trabalho, esse grande factor do progresso economico e moral dos povos, de ter seus dias de glorificação.

Hyldebrando.—Elle é o grande impulsor do progresso, da sociedade, e depois da santa religião é incontestavelmente o principal motor da civilização dos homens.

João.—Os clarins no campo de batalha annunciam a morte e o terminio espalham o luto e o pavor, porém os silvos das machinas congregam sob o tecto das officinas, em luta pacifica a parte mais vigorosa da sociedade, a grande phalange dos operarios.

Joaquim.—Agora pento, meus amigos. Aqui eu tambem quero accrescentar minha palavrinha. O sangue derramado nos combates estereliza o sólo, clama vingança e maldição, mas o suor fecunda a terra, faz brotar as flores que recolhem em seu calix o orvalho do céu.

Hyldebrando.—Quando o operario não trabalha em sua officina, e o camponio não acompanha a charua entoando suas monotonas cantigas tão cheias de saudades e de amor então é que se lembra das armaças e gritos desvairados, então é que os operarios se unem em diabolicos concertos ameaçando dirruirem em suas bases a sociedade inteira.

João.—A negação ao trabalho produz a miséria, enche as viellas de mendigos, os hospitaes de doentes, povoa os carcerees de criminosos; mas o trabalho proporcionando ao operario os meios de subsistencia purifica-lhe os dotes do espirito, suaviza-lhe o coração e conserva-lhe bem temperada a saude do organismo.

O trabalho é para o homem uma verdadeira prophylaxia phisica intellectual e moral.

Hyldebrando.—A historia nos mostra onde houve trabalho, houve gloria, e quando o trabalho diminuia até se apagar por completo e a ociosidade assentou-se no trono usurpado ao trabalho, então a gloria offuscou-se e desapareceu. Quantos males não se evitam, quantas calamidades se não removem em um paz laborioso, n'uma terra onde os homens vivem empenhados na luta pacifica do trabalho que é a mais formosa das lutas na phrase de um eminente estadista brasileiro.

João.—Nós que seguimos o curso deste Lyceu estamos habituados

honvir praticos conselhos sobre a importancia do trabalho, e a maneira de exercer a nossa profissão.

Exercei-a com dignidade para bem merecer dos nossos compatriotas, exercei-a com intelligencia para bem servir a nossa patria.

Hyldebrundo.—Sao estas as convicções que levamos deste torção amigo que é o nosso Lyceu.

Joaquim.—Pahuas, palmas a valer. Cá um abraço; sois oradores. Meus caros collegas, é chegando o momento de despedir-nos dos caros mestres e dos amados collegas. Aos primeiros deixamos consignados os nossos protestos de estima e immoredoiro reconhecimento pelo carinho paternal que sempre nos tiveram, pelo desvelo que elles dedicaram ao nosso apertecimento moral e intellectual, pela proverbial paciencia em supportar nossas levandades de rapazes.

Aos collegas que aqui deixamos,

damos o tenro abraço de despedida. Como amigos exortamos-os a multiplicarem esforços e vontade para se tornarem dignos deste Lyceu, e serem a consolação dos venerandos mestres.

Possam elles d'aqui partir um dia com o coração cheio dos mesmos sentimentos que electrizam agora o nosso espirito. Estes sentimentos eu com orgulho os declaro: Gratidão para o Lyceu bemfazejo, confiança em Deus, amor a profissão que escolhemos, devotamento a Patria brasileira e a terra mattogrossense.

João.—Sim, (*abraçando os outros*) gratidão para o Lyceu bemfazejo, confiança em Deus, amor a profissão que escolhemos, devotamento a Patria brasileira e ao torrão mattogrossense... Viva o diploma.

Hyldebrando.—Viva o trabalho.

Joaquim.—Viva o Lyceu S. Gonçalo.

Curialá, 1914.

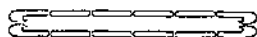
P. L. M.



Alunos premiados

NO FIM DO ANNO LECTIVO DE 1913-1914.

CURSOS SECUNDARIO, PRIMARIO E PROFISSIONAL



RELIGIÃO

José Lavaquial Biosca, Acyndino de Sampaio, Alberto Ribeiro Salla-
berry, Annibal Gomes Bezerra, Ben-
jamim Constant Keller, Fernando
Lavaquial Biosca, Francisco Salles
Romão, José Honorato da Silva e
Souza, Leonides de Carvalho, Ma-
riano Ramos, Antonio Alves de Si-
queira, Bráulio Ramos d'Annunci-
ação Cerqueira, José Alves de Cam-
pos, José Ramos, José de Moraes e
Castro, Luiz Antonio de Figueire-
do, Maximo Levy, Orlando d'Olivei-
ra, David Lacerda, Ernesto Frederi-
co d'Oliveira Filho, João d'Oliveira
Garcia, José Raul Vilá, Waldemiro
de Araujo Bastos, Ivo Maximo da
Fonseca, Nelson de Albuquerque
Nunes, Osorio Gomes de Barros,
Pedro Alves Rondon, Sebastião Bor-
ges Pereira, Candido de Moraes e
Castro, Henrique Sempio, João Fer-
nandes do Espirito Santo, José Ly-
des Gomes de Barros, Nemesio Go-
mes Bezerra, Antonio João de Al-
buquerque, João Gomes Bezerra,
Frederico Leoncio Gaiva, Salomão
Gomes Bezerra, Joaquim de Mattos,
Miguel Theodoro de Paula Silva.

HISTORIA SAGRADA

Casimiro Brodziak, Ernesto Fre-
derico de Oliveira Filho, João de
Oliveira Garcia, Manoel Ribeiro de
Carvalho, Abrahão Gomes Bezerra,
Cyro Gomes Bezerra, Caetano Al-
bernaz de Albuquerque, Nelson de
Albuquerque, Candido de Moraes e
Castro, Henrique Sempio, João
Henrique Vilá, João Strobing de

Vasconcellos Pinto, José Lydes Go-
mes de Barros, Nemesio Gomes Be-
zerra, Percilio de Souza Bruno, Joa-
quim de Mattos, Miguel Theodoro
de Paula Silva.

CONDUCTA

Manoel José Moreira, Annibal
Gomes Bezerra, Leonides de Carva-
lho, Benjamin Constant Keller, Jo-
sé Honorato da Silva e Souza,
Bráulio Ramos d'Annuniação Cer-
queira, Waldemar Corrêa da Costa,
Waldemiro de Araujo Bastos, Hyl-
debrando Cizenando de Camargo,
Miguel Theodoro de Paula Silva,
Abrahão Gomes Bezerra, Cyro Go-
mes Bezerra, Nemesio Gomes Be-
zerra, Osorio Gomes de Barros, Sa-
lomão Gomes Bezerra.

Menção honrosa

José Lavaquial Biosca, Josephi
Nunes Ribeiro, Olivio de Oliveira
Bastos, Clodomiro de Oliveira Bos-
tos, Antonio Manoel Moreira Filho,
Fernando Lavaquial Biosca, Fran-
cisco Salles Romão, João Pedrosa
da Silva Rondon, José Marcello Mo-
reira, Leopoldo Rodrigues de Pinho,
Pedro Leite Osorio, Orlando de Oli-
veira, Luiz de Albuquerque Nunes,
Joaquim de Mattos, Agapito Non-
ato da Silva, Ernesto Frederico de
Oliveira Filho, José Raul Vilá, Leo-
nel Nunes Ferraz, Waldemiro Fer-
reira Mendes, João de Almeida Cas-
tro Filho, Clovis Moura de Faria,
José Osorio, José Paes de Barros,
José Lindolpho Carneiro, João Go-
mes Bezerra, Lino Nunes da Silva,
Joaquim Domingos Regis, Frederi-

co Leoncio Gaiva, Nestor da Boaventura, João Tarcizio Bueno, Adherbal Pereira de Carvalho, Ibrantino de Moraes, Acyndino Rodrigues Duque, Isidoro Benedicto de Oliveira, Gonçalo Francisco Curvo, Caetano Albernaz de Albuquerque, Raul de Carvalho, Candido de Moraes e Castro, José Lydes Gomes de Barros, Ivo Carneiro.

Menção

Acyndino de Sampaio, Gerardin da Silva Rondon, Mariano Ramos, Manoel Amancio de Pina, João de Oliveira Garcia, David Lacerda, Nelson de Albuquerque Nunes, Julio Mariano de Campos, Clodomiro Neves, João Fernandes do Espirito Santo, Antonio Cesario de Figueiredo Netto, Bartholino Ferreira Gomes, Manoel Francisco Lopes, Diogo Nunes Ferraz, Jorge Gazal, Elias Gazal, Frederico de Figueiredo, Luiz Duarte de Figueiredo, Oscar Monteiro, Theodoro da Costa.

ASSIDUIDADE

Manoel José Moreira, Roderico de Campos Miranda, Waldemiro de Araujo Bastos, Osorio Gomes de Barros, Antonio Vicente da Silva, Luiz Duarte de Figueiredo.

Menção honrosa

Pedro Osorio, Mariano Ramos, José Marcello Moreira, José Ramos, José Duarte de Figueiredo, Clovis Moura de Faria, José Osorio, Annibal Gomes Bezerra, Cyro Gomes Bezerra, Abrahão Gomes Bezerra, Frederico Leoncio Gaiva, João Claudio da Silva, Alberto Claudio da Silva, João Pedroso da Silva Rondon, Aloysio Valladares, Antonio Manoel Moreira Filho, José Honorato da Silva e Souza, Acyndino de Sampaio, Braulio Ramos de Cerqueira, Alfredo Apollonio da Silva.

ATTESTADOS BIMENSAES

Roderico de Campos Miranda, Al-

berto Ribeiro Sallaberry, Orlando de Oliveira, João Garcia de Oliveira, Osorio Gomes de Barros, Candido de Moraes e Castro, Frederico Leoncio Gaiva.

ATTESTADOS SEMANAES

Manoel José Moreira, Roderico de Campos Miranda, Fernando Lavaquial Biosca, Benjamin Constant Keller, Leonides de Carvalho, Valerio Nogueira, José Honorato da Silva e Souza, Annibal Gomes Bezerra, Alberto Ribeiro Sallaberry, Orlando de Oliveira, José de Moraes e Castro, José Duarte de Figueiredo, Waldemiro Ferreira Mendes, Waldemiro de Araujo Bastos, Osorio Gomes de Barros, Cyro Gomes Bezerra, Ivo Maximo da Fonseca, José Lydes Gomes de Barros, Candido de Moraes e Castro, Frederico Leoncio Gaiva, Luiz Duarte de Figueiredo, Theotredo Cardes, Hyldebrando de Camargo, Luiz Antonio de Figueiredo.

Menção honrosa

José Alves de Campos, Luiz Antonio de Figueiredo, Waldemar Correa da Costa, Ernesto Frederico de Oliveira Filho, João Pompêo de Barros, João Garcia de Oliveira, José Marcello Moreira, Mariano Ramos, Josephi Nunes Ribeiro, Acyndino de Sampaio, Abrahão Gomes Bezerra, José Osorio, Henrique Sempio, Gonçalo Francisco Curvo.

DECLAMAÇÃO

José Lavaquial Biosca, Fernando Lavaquial Biosca, José de Moraes e Castro, Acyndino de Sampaio

MUSICA

Canto

José Osorio, João Henrique Vili, Candido de Moraes e Castro, José Lydes Gomes de Barros, David Lacerda, Ernesto Frederico de Oliveira.

Instrumental

José de Moraes e Castro, Orlando de Oliveira, Hyldebrando de Camargo.

*APPLICAÇÃO**5.º Anno*

José Lavaquial Biosca

4.º Anno

1.º Pericles Vaz Guimarães

2.º Roderico de Campos Miranda

Menção honrosa

Josephi Nunes Ribeiro, Manoel José Moreira.

3.º Anno

1.º Leonides do Carvalho

2.º Fernando Lavaquial Biosca

Menção honrosa

Anpibal Gomes Bezerra, Alberto Ribeiro Sallaberry, Benjamin Constant Keller, José Marcello Moreira, Felinto Corrêa Muller.

2.º Anno

1.º Orlando de Oliveira

2.º Luiz Antonio de Figueiredo

Menção honrosa

José de Moraes e Castro, Waldemar Corrêa da Costa, Bráulio Ramos de Cerqueira.

1.º Anno

1.º José Raul Vilá

2.º Luiz de Albuquerque Nunes

Menção honrosa

João Garcia de Oliveira, Thiago Marques Aipobareu, Waldemiro Ferreira Mendes, José Duarte de Figueiredo, David Lacerda.

II Grau

1.º Raul do Carvalho

2.º Osório Gomes de Barros, Cae-tano Albermaz de Albuquerque.

Menção honrosa

Gongalo Francisco Curvo, José Lindolpho Carneiro, Sebastião Borges Pereira, Cyro Gomes Bezerra, Pedro Alves Rondon.

I Grau

1.º José Lydes Gomes de Barros, Manoel Francisco Lopes

2.º Henrique Sempio, Candido de Moraes e Castro

Menção honrosa

Antonio Cesario de Figueiredo Netto, João Strobing de Vasconcellos Pinto, Nemesio Gomes de Barros.

Infantil Superior

1.º Diogo Nunes Ferraz

2.º Ivo Carneiro, João Gomes Bezerra

Menção honrosa

Luiz Rodrigues de Pinho, Oroszimbo Alves Guerra

Infantil Inferior

1.º Frederico Leoncio Gaiva

2.º Luiz Duarte de Figueiredo

CURSOS PROFISSIONAES**DIPLOMA DE HABILITAÇÃO**

por haver terminado o

curso de aprendizagem

OFFICINA DE ALFAIATARIA

Joaquim de Moraes e Mattos — João Palma Pereira Leite.

OFFICINA DE SAPATARIA

Hyldebrando de Camargo.

Aplicação

1.º Miguel Theodoro de Paula e Theofredo Gardés.

2.º Joaquim de Moraes e Mattos — Hyldebrando de Camargo.

CADERNETA DA CAIXA ECONOMICA**Officina de Alfaiataria**

Joaquim de Moraes e Mattos — Diplomado	1848100
João Palma Pereira Leite —	1408070
Nathalino A. de Siqueira — 7.º grau	158000
Arthur Corsino da Silva — 6.º	108000
Isidoro B. de Oliveira — 6.º	108000
Manoel José de Campos — 5.º	58000
João Estevão Ferreira — 4.º	58000
Manoel Gregorio P. Leite — 3.º	58000
Francisco Josetti — 1.º	

Officina de Carpintaria

Theofredo Gardés	8.º grau	208000
Benedicto Soixas de Arenda	4.º	58000
Ludgero da Albuquerque	4.º	58000
Antonio Nogueira	3.º	
Benedicto Lucas de Arenda	2.º	
José Dallés	1.º	
Avidio Marques	1.º	

Officina de Ferraria

Acyndino Ribeiro Duque	4.º grau	108000
------------------------	----------	--------

Officina de Sapataria

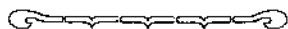
Hyldebrando de Camargo — Diplomado	1728700
------------------------------------	---------

Officina de Typographia

Miguel Theodoro de Paula	6.º grau	108000
--------------------------	----------	--------

Resultado dos exames de 1.^a epocha do anno lectivo de 1913--914

Cursos Secundário, Primario e Profissionais.



IV ANNO

Alinor de Lima Bastos—Desenho, distincção; religião, plenamente grau 7; inglez, allemão, latim, geometria e agrimensura, plenamente grau 6; francez e historia universal, simplesmente grau 5; portuguez, simplesmente grau 4; trigonometria, simplesmente grau 3; algebra, simplesmente grau 2.

Acymilino de Sampaio—Desenho, plen. gr. 8; religião, plen. gr. 7; latim, plen. gr. 6; allemão e geometria, simpl. gr. 5; portuguez, francez, agrimensura e historia universal, simpl. gr. 4; inglez, trigonometria e algebra, simpl. gr. 3.

Gerardim da Silva Rondou—Desenho, plen. gr. 7; inglez e latim, simpl. gr. 5; portuguez, francez e geometria, simpl. gr. 4; allemão e religião, simpl. gr. 3; historia universal e algebra, simpl. gr. 1.

Josephi Nunes Ribeiro—Francez, allemão, latim, trigonometria, algebra, agrimensura, desenho e historia universal, plen. gr. 6; inglez, plen. gr. 7; portuguez e religião, simpl. gr. 5; geometria, simplesmente, gr. 3.

Manoel José Moreira—Desenho, plen. gr. 8; inglez, plen. gr. 7; francez, plen. gr. 6; portuguez, allemão, latim e agrimensura, simpl. gr. 5; religião, geometria, trigonometria e historia universal, simpl. gr. 4; algebra, simpl. gr. 3.

Olívio de Oliveira Bastos—Portu-

guez, geometria e desenho, plen. gr. 6; agrimensura, simpl. gr. 5; allemão, simpl. gr. 4; latim, trigonometria e historia universal, simpl. gr. 3; algebra, simpl. gr. 2; francez, simpl. gr. 1.

Pedro de Souza Bruno—Desenho, plen. gr. 9; francez e allemão, plen. gr. 7; historia universal, plen. gr. 6; religião, simpl. gr. 5; algebra, simplesmente gr. 4; portuguez, latim e geometria, simpl. gr. 3; trigonometria, simpl. gr. 2.

Pericles Vaz Guimarães—Francez, trigonometria, algebra e desenho, plen. gr. 8; allemão, latim e agrimensura, plen. gr. 7; inglez, geometria e religião, plen. gr. 6; historia universal, simpl. gr. 4; portuguez, simpl. gr. 3.

Roderico de Campos Miranda—Desenho, plen. gr. 9; allemão, trigonometria, algebra, agrimensura e religião, plen. gr. 7; latim, plen. gr. 6; francez, inglez, geometria e historia universal, simpl. gr. 5; portuguez, simpl. gr. 4.

Reprovados: em trigonometria 1; em inglez 1; em religião 1.

Não compareceram 2.

III ANNO

Alberto Ribeiro Sallaberry—Religião, distincção; portuguez, francez, latim e escripturação mercantil, plen. gr. 9; inglez e algebra, plen. gr. 8; allemão, plen. gr. 6; choro-graphia, simpl. gr. 5; geometria, simpl. gr. 2; desenho, simpl. gr. 1.

Aloysio Valladures—Religião, distinção: francez e desenho, simpl. gr. 4; portuguez e allemão, simpl. gr. 3; inglez, latim e geometria simplesmente gr. 2; chorographia, simplesmente gr. 1.

Annibal Gomes Bezerra—Religião, distinção: algebra, plen. gr. 9; portuguez, plen. gr. 8; francez, latim, allemão, plen. gr. 7; inglez, geometria, chorographia, plen. gr. 6; desenho, simpl. gr. 2.

Antonio Nunes Ferraz—Religião, plen. gr. 9; latim, allemão, chorographia e desenho, simpl. gr. 3; francez algebra, geometria, simpl. gr. 2; portuguez e inglez, simpl. gr. 1.

Antonio Manoel Moreira Filho—Inglez, latim, simpl. gr. 5; chorographia, simpl. gr. 3; allemão e geometria, simpl. gr. 2; portuguez, desenho, simpl. gr. 1.

Benjamin Constant Keller—Religião, distinção: portuguez, inglez, latim, escripturação mercantil, plen. gr. 8; geometria, plen. gr. 7; francez, allemão, algebra, plen. gr. 6; chorographia, simpl. gr. 5.

Bias Moura de Faria—Geometria, religião, plen. gr. 8; inglez, simpl. gr. 5; allemão, simpl. gr. 4; francez, latim, algebra e desenho, simpl. gr. 3; portuguez e chorographia, simpl. gr. 2.

Clodomiro de Oliveira Bastos—Chorographia, religião, plen. gr. 8; portuguez, plen. gr. 6; inglez, latim e escripturação mercantil, simpl. gr. 5; allemão, simpl. gr. 4; francez, geometria e desenho, simpl. gr. 3.

Fernando Laraquiol Bioso—Religião, distinção: latim, plen. gr. 9; portuguez, francez, geometria e chorographia, plen. gr. 8; inglez, plen. gr. 7; algebra, plen. gr. 6; desenho, simpl. gr. 5; allemão, simpl. gr. 4.

Francisco Salles Romão—Religião, distinção: chorographia, plen.

gr. 7; geometria, plen. gr. 6; escripturação mercantil, simpl. gr. 5; inglez e allemão, simpl. gr. 4; portuguez, francez, latim, simpl. gr. 3; algebra e desenho, simpl. gr. 1.

Flaviano Gomes de Barros—Desenho e religião, plen. gr. 7; portuguez e inglez, simpl. gr. 4; francez, algebra e geometria, simpl. gr. 3; allemão e chorographia, simpl. gr. 2; latim, simpl. gr. 1.

Felinho Correa Muller—Geometria, religião, plen. gr. 9; portuguez, plen. gr. 8; inglez, latim e algebra, plen. gr. 7; francez e allemão, plen. gr. 6; chorographia, simpl. gr. 4; desenho, simpl. gr. 2.

João Pedroso da Silva Rondon—Religião, plen. gr. 9; chorographia, plen. gr. 8; algebra, plen. gr. 7; portuguez, plen. gr. 6; geometria, simpl. gr. 5; inglez e latim, simpl. gr. 4; francez e allemão, simpl. gr. 3; desenho, simpl. gr. 1.

João Vieira—Inglez, geometria, simpl. gr. 5; religião, simpl. gr. 4; latim e desenho, simpl. gr. 3; portuguez francez e allemão, simpl. gr. 2; chorographia, simpl. gr. 1.

José Marcello Moreira—Religião, plen. gr. 9; portuguez, francez, allemão, geometria, plen. gr. 7; inglez, latim, algebra, chorographia, plen. gr. 6; desenho, simpl. gr. 1.

José Honorato da Silva e Souza—Religião, distinção: portuguez, inglez, latim, allemão, chorographia, plen. gr. 6; francez, geometria, simplesmente gr. 5; algebra, simpl. gr. 2; desenho, simpl. gr. 1.

Leonides de Carvalho—Algebra e religião, distinção: geometria, plen. gr. 9; francez, inglez, latim, allemão, plen. gr. 8; chorographia, plen. gr. 7; portuguez, plen. gr. 6; desenho, simpl. gr. 2.

Leopoldo Rodrigues de Pinho—Religião, plen. gr. 9; francez e latim,

plen. gr. 7; inglez e geometria plen. gr. 6; portuguez e allemão simpl. gr. 5; chorographia, simpl. gr. 4; algebra, simpl. gr. 3; desenho, simplesmente gr. 1.

Mariano Ramos — Religião, distincção: portuguez, inglez, latim, allemão, geometria e chorographia, plen. gr. 6; algebra, simpl. gr. 6; francez, simpl. gr. 4; desenho, simpl. gr. 3.

Nicandro de Figueiredo — Geometria, distincção: algebra, plen. gr. 8; francez, plen. gr. 7; inglez, allemão e religião, plen. gr. 6; portuguez, simpl. gr. 4; latim, simpl. gr. 3; chorographia e desenho, simpl. gr. 2.

Pedro Leite Osório — Religião, distincção: desenho, plen. gr. 6; inglez, allemão, simpl. gr. 5; francez, simpl. gr. 4; geometria, simpl. gr. 3; latim, chorographia, simpl. gr. 2.

Viterio Nunes Nogueira — Religião, plen. gr. 9; allemão, plen. gr. 6; francez, latim, geometria, simpl. gr. 5; inglez, algebra, simpl. gr. 4; portuguez, simpl. gr. 3; desenho, simpl. gr. 2; chorographia, simpl. gr. 1.

Reprovados: em francez 1 — em algebra 4.

Não compareceu 1.

II ANNO

Agricola Paes de Barros — Religião, plen. gr. 9; arithmetica e algebra, plen. gr. 6; francez, latim e geographia, simpl. gr. 5; portuguez e escripturação mercantil, simpl. gr. 4; allemão e desenho simpl. gr. 3.

Antonio Alves de Siqueira — Religião, distincção; geographia, arithmetica e desenho, plen. gr. 7; portuguez, plen. gr. 6; francez e latim, simpl. gr. 5; escripturação mercantil, simpl. gr. 4; algebra, simpl. gr. 2; allemão, simpl. gr. 1.

Bráulio Ramos de Cerqueira — Re-

ligião, distincção: portuguez, francez e allemão, plen. gr. 7; latim e geographia, plen. gr. 6; desenho, simpl. gr. 5; arithmetica, algebra e escripturação mercantil, simpl. gr. 4.

João Garcia Pinho de Arruda — Religião, distincção: desenho, plen. gr. 7; escripturação mercantil, latim, plen. gr. 6; arithmetica, simpl. gr. 5; portuguez, francez e algebra, plenamente gr. 4; allemão e geographia, simpl. gr. 3.

José Alves de Campos — Religião, distincção; allemão, plen. gr. 9; portuguez, francez, latim e escripturação mercantil, plen. gr. 7; algebra, plen. gr. 6; arithmetica, simpl. gr. 5; geographia, simpl. gr. 3; desenho, simpl. gr. 1.

José de Moraes e Castro — Religião, distincção: geographia, plen. gr. 9; francez, latim, arithmetica, plen. gr. 8; portuguez e allemão, plen. gr. 7; algebra, escripturação mercantil e desenho, plen. gr. 6.

José Nunes Ferraz — Religião, plen. gr. 8; desenho, plen. gr. 7; portuguez, arithmetica, algebra, simpl. gr. 4; francez, latim, simpl. gr. 3; escripturação mercantil, simpl. gr. 2; allemão e geographia simpl. gr. 1.

José Ramos — Religião, distincção: escripturação mercantil, plen. gr. 8; francez plen. gr. 7; latim e algebra, plen. gr. 6; portuguez, allemão, geographia e arithmetica, simpl. gr. 5; desenho, simpl. gr. 1.

Jurandy B. M. de Moura — Religião, plen. gr. 6; francez, simpl. gr. 4; escripturação mercantil, simpl. gr. 3; latim e geographia, simpl. gr. 2.

Luiz Antonio de Figueiredo — Religião, distincção: francez e algebra, plen. gr. 9; allemão, latim, escripturação mercantil, plen. gr. 8; arithmetica e desenho, plen. gr. 7; por-

tuquez. plen. gr. 6; geographia, simplesmente gr. 4.

Maximo Levy—Religião, distincção; desenho. plen. gr. 7; latim, escripturação mercantil. plen. gr. 6; portuguez, francez. allemão. arithmetica e algebra. simpl. gr. 5; geographia, simpl. gr. 4.

Manoel Amancio de Pina—Francez. religião, plen. gr. 7; arithmetica, plen. gr. 6; latim, simpl. gr. 5; escripturação mercantil e desenho, simpl. gr. 4; portuguez, allemão, simpl. gr. 3; geographia, simpl. gr. 1.

Orlando de Oliveira—Latim, arithmetica, algebra e religião, distincção; portuguez, francez, allemão e escripturação mercantil. plen. gr. 9; desenho, plen. gr. 8.

Vilber R. de Assumpção—Religião plen. gr. 7; allemão, latim, simplesmente gr. 3; francez e desenho, simpl. gr. 4; arithmetica e escripturação mercantil, simpl. gr. 2; geographia, simpl. gr. 1.

Waldemar Cordeiro da Costa—Algebra, desenho plen. gr. 8; allemão, religião, plen. gr. 7; portuguez, francez, latim, arithmetica e escripturação mercantil, plen. gr. 6; geographia simpl. gr. 5.

Antonio de Oliveira Garcia—Religião, plen. gr. 8; desenho, simpl. gr. 5; portuguez, latim, algebra e escripturação mercantil, simpl. gr. 4; geographia e arithmetica, simpl. gr. 3; francez, simpl. gr. 2.

Reproyados: em portuguez 2—em allemão 2—em arithmetica 1—em algebra 4—em desenho 1.

1 ANNO

Agapito Nauto Silva—Religião, plen. gr. 9; desenho plen. gr. 8; portuguez e francez, plen. gr. 7; historia sagrada, plen. gr. 6; arithmetica simpl. gr. 3; geographia simpl. gr. 2.

Alfredo Apollonio da Silva—Desenho e religião, plen. gr. 8; historia sagrada, plen. gr. 7; arithmetica, simpl. gr. 3; francez, simpl. gr. 2.

Antonio de Oliveira Ponce—Portuguez, religião e historia sagrada, plen. gr. 9; geographia, plen. gr. 6; francez, arithmetica, simpl. gr. 5; desenho, simpl. gr. 4.

Benedicto Carlos da Baralha—Francez, geographia, religião, historia sagrada, simpl. gr. 2; desenho, simpl. gr. 1.

Casimiro Bradziuk—Desenho e historia sagrada, distincção: religião plen. gr. 7; portuguez, simpl. gr. 4; francez e arithmetica, simpl. gr. 2.

David Lacerda—Religião, distincção; portuguez, geographia e historia sagrada, plen. gr. 8; francez, plen. gr. 6; arithmetica e desenho, simpl. gr. 3.

Dorival Vigue—Religião, plen. gr. 6; francez, simpl. gr. 4; arithmetica, geographia e historia sagrada, simpl. gr. 2; desenho, simpl. gr. 1.

Ernesto Frederico de Oliveira—Religião e historia sagrada, distincção, francez, plen. gr. 8; portuguez e geographia, plen. gr. 6; arithmetica, simpl. gr. 5; desenho, simpl. gr. 1.

João Pombo de Barros—Desenho e historia sagrada, plen. gr. 9; religião, plen. gr. 7; francez e arithmetica, plen. gr. 6; portuguez, simpl. gr. 5; geographia, simpl. gr. 2.

João de Almeida Castro Filho—Historia sagrada, plen. gr. 7; religião, simpl. gr. 5; arithmetica, simplesmente gr. 3; francez e desenho, simpl. gr. 2.

João Paes de Barros—Historia sagrada, plen. gr. 9; religião, plen. gr. 7; desenho, simpl. gr. 3; geographia, simpl. gr. 2.

João d' Oliveira Garcia—Reli-

gião, geographia e historia sagrada, distincção: portuguez, plen. gr. 9; francez, arithmetica e desenho, plenamente gr. 8.

José Annibal Bourel Filho—Historia sagrada, plen. gr. 8; portuguez, francez, plen. gr. 6; religião, simpl. gr. 5; geographia e desenho, simpl. gr. 4; arithmetica, simpl. gr. 2.

José Duarte de Figueiredo—Historia sagrada, plen. gr. 8; portuguez e geographia, plen. gr. 7; francez e desenho, plen. gr. 6; religião, simpl. gr. 5; arithmetica, simpl. gr. 4.

José Raul Vidi—Francez, geographia e religião, distincção: portuguez, arithmetica, desenho e historia sagrada, plen. gr. 9.

Leonel Nunes Ferraz—Religião, plen. gr. 9; historia sagrada, plen. gr. 7; geographia, plen. gr. 6; francez, simpl. gr. 5; desenho, simpl. gr. 4; arithmetica, simpl. gr. 2.

Luiz de Albuquerque Nunes—Portuguez, Francez, arithmetica e geographia, plen. gr. 9; desenho e religião, plen. gr. 8; historia sagrada, plen. gr. 7.

Manoel Ribeiro de Carvalho—Historia sagrada, distincção; geographia e religião, plen. gr. 8; francez e arithmetica, plen. gr. 7; portuguez, simpl. gr. 3; desenho, simpl. gr. 2.

Thiágo Marques Aliporeu—Religião, plen. gr. 9; portuguez, francez, plen. gr. 8; historia sagrada, plen. gr. 7; arithmetica e geographia, plen. gr. 6.

Waldemiro Ferreira Mendes—Religião, portuguez e historia sagrada, plen. gr. 9; francez, plen. gr. 8; desenho, plen. gr. 7; arithmetica, plenamente gr. 6; geographia, simpl. gr. 5.

Waldemiro de Araújo Castro—Religião, distincção: portuguez, plen. gr. 9; historia sagrada, plen. gr. 8;

geographia, plen. gr. 7; francez, plenamente gr. 6; arithmetica e desenho, simpl. gr. 2.

Reprovados: em portuguez 6; em francez 1—em arithmetica 2—em geographia 3.

CURSO PRIMARIO

1.º GRÃO

Aprovados no conjunto das materias

Raul de Carvalho	distincção
Caetano A. d'Albuquerque	"
Osorio Gomes de Barros	"
José L. Carneiro	plen. gr. 9
Sebastião B. Pereira	" " 9
Gonçalo F. Curvo	" " 9
Pedro Alves Rondon	" " 8
Cyro Gomes Bezerra	" " 8
José de A. Nunes	" " 7
Satyro de A. Barros	" " 7
Abrahão G. Bezerra	" " 6
Ivo M. da Fonseca	" " 6
José L. S. do Canto	" " 6
José Paes de Barros	" " 6
Nelson de A. Nunes	" " 6
Urantino de Moraes	simpl. " 5
João Garcia	" " 5
José Osorio	" " 5
Nicolino Marciano	" " 5
Antonio S. da Silva	" " 4
Clovis M. de Faria	" " 4

Reprovados 3.

Deixaram de comparecer: 5.

1.º GRÃO

Aprovados no conjunto das materias

José L. G. de Barros	distincção
Manoel F. Lopes	"
Candido de M. e Castro	plen. gr. 9
Henrique Sempio	" " 9
Antonio C. de Fig. de Neto	" " 8
João S. de V. Pinto	" " 8
Nemesio G. Bezerra	" " 8
Bartholino F. Gomes	" " 7
Democrito de C. Miranda	" " 7
Tobias de Arruda	" " 7

Amarílio de Brito	»	»	6
João F. do E. Santo	»	»	6
João Henrique Vilá	«	»	6
João Ribeiro da Costa	»	«	6
Catomo Canavarros	»	»	6
Percilio de S. Bruno	»	»	6
João H. de Miranda	simpl.	»	5
Mario F. Mendes	»	»	5
João da S. Guimarães	»	»	4

Reprovados 9.

INFANTIL SUPERIOR

Approvados no conjunto das materias

Diogo Nunes Ferraz	plen. gr.	9
Ivo Carneiro	»	8
João Gomes Bezerra	»	8
Antonio J. d'Albuquerque	»	7
Diogo Paes de Barros	»	7
Jorge Gazal	»	7
Luiz Rodrigues de Pinho	»	7
Orozimbo Alves Guerra	»	7
José Francisco de Amorim	»	7
Elias Gazal	»	6
Romão de Campos Maciel	»	6
Aleides de Góes	simpl.	5
Joaquim Domingos Regis	»	5
Lino Nunes da Silva	»	4
Oswaldo C. de Sá Junior	»	4
Pedro Baptista Sgarini	»	4

Reprovados. 8.

INFANTIL INFERIOR

Approvados no conjunto das materias

Frederico Leoncio Gaiva	plen. gr.	9
Luiz Duarte de Figueiredo	»	8
Frederico de Figueiredo	»	7
Aleindo de Figueiredo	»	6
João Tarciso Bueno	»	6

CURSO PROFISSIONAL

Approvados no conjunto das materias

Miguel T. de P. Silva	plen. gr.	9
Theofredo Gardés	»	9
Joaquim de Mattos	»	8
Hyldebrando de Camargo	»	8
Isidório B. de Oliveira	»	7
João Palma P. Leite	»	7
João E. Ferreira	»	6
Benedicto S. Guimarães	»	6
Natalino A. de Siqueira	»	6
Arthur C. da Silva	»	6
Ascendino R. Duque	»	6
Manoel G. P. Leite	»	6
Benedicto L. de Arruda	simpl.	5
Ludgero de Albuquerque	»	5
Manoel José do Campos	»	4
Avido Marques	»	4





PIO X

Calma e tranquilla, a 20 do fluente, alou-se para o céu a alma immortal de Pio X, seu corpo frio baixou á sepultura.

Mais um santo enutrua a egreja triumphante, e mais uma personalidade gloriosa campeia nas rutilas paginas da egreja militante! Sim, um santo, podemos dizelo, sem no entanto querer prevenir o juizo in-

fallivel da egreja que um dia pronunciará a seu respeito, tão grandes foram as virtudes do moderno successor de Pedro, tão numerosos os factos portentosos que Deus quiz por elle obrar para que fosse tido no conceito de varão justo e santo!

Intelligencia de escól unida a uma applicação singular, José Sarto, desde os primeiros annos dava de si as

mais bellas esperanças, e tornava-se apto a galgar as culminancias da carreira ecclesiastica que generosamente abraçára.

Uma virtude firme, acrysolada, sem ostentação foi o veu que obumbrou sua pessoa, que desde então tornava captivos quantos tinha a dita de conhecê-lo.

Sacerdote, Bispo, Patriarcha de Veneza, foi accessível a todos, como aquelle que collimava a salvação das almas, tão só e sempre; tudo sacrificando para obter este fim nobre e bello.

Por natureza observador, ordenado, penetrante, qualidades que o distinguiram no exercicio nos diferentes cargos ecclesiasticos foi aperfeiçoando, José Sarto, guindado mercedadamente á suprema dignidade humana por sobre a terra: o Papado, devia fulgir, gravando fundos caracteres e peculiares em seu Pontificado por sem duvida glorioso entre os mais gloriosos.

Já alguns, julgando tão só pela humilde origem do grande Pontífice, eleito a Vigário de J. Christo depois da figura intellectual de Leão XIII, quizeram deprimil-o denunciando seu pouco preparo intellectual e scientifico, desproporcionado para a grandeza luminosa do seculo XX. E eis que suas encyclicas relativas aos estudos biblicos e aos erros philosophicos dos nossos dias o collocam na altura do glorioso predecessor. A encyclica *Pascendi Dominicus gregis* — é monumento assombroso que patenteia a solicitude com que o Patriarcha de Veneza acompanhava todo o movimento das idéas, não só na esphera da Revelação, como tambem nos domínios das sciencias e na região da philosophia.

Homens intellectuaes de differen-

tes nações, identico e honroso juizo formaram do Immortal Pio X.

Paul Bourget denominou-o: Papa da Ordem, pois seu pontificado assignala os caracteres essenciaes da catholicidade: Disciplina e hierarchia. Segundo o celebre psychologo todos os actos do Papa da Ordem tem objectivado este escopo: unica e infatigavelmente firmar a coherencia dos espiritos e das vontades.

Só elle bastou para repulsar o modernismo, evitar o risco do schisma, discernir e patentear os males incubados nas associações cultuaes francezas e na indisciplina das democracias italianas.

Era homem de genio firme e seguro, a quem não amedrontam reformas. Mostra-se ao contrario ousado reformador. Quer, porém, que taes reformas sejam genuinas reformas, como a que operou na curia romana. Quer que ellas se destinem a reforçar essa obra prima de architectura social e moral — a nossa Egreja — sociedade modelo de todas as sociedades em que, a obediencia e a independencia, a eleição e a tradição, o temporario e o eterno, o movimento e a fixidez se equilibram em maravilhosa proporção. E' esse equilibrio que domina o entendimento de Pio X, é esse equilibrio que realizou. Na apreciação de Paul Bourget, escreven Affonso Celso, traçadas se acham de modo magistral as feições caracteristicas de Pio X. E' uma grande figura. Nenhuma se lhe equipara em nobreza no mundo contemporaneo. A um tempo defensor imperterrito da firmeza do dogma e arrojado reconstructor sobre os alicerces inabalaveis da Fé.

Implacavel arremette contra as innovações modernistas e com sua

auctoridade infallivel as pulveriza pondo em Roma uma associação internacional anathematizando quem sustente a incompatibilidade da theologia com o progresso.

Refundiu os moldes das Congregações romanas unificando os negocios segundo a natureza, separando a parte legislativa da judiciaria. Causa assombro a quantidade de suas resoluções sobre os mais variados e importantes assumptos a par das magnificas encyclicas doutrinarias. Nenhum governo moderno conseguia imitar fecundidade reveladora de uma resolução, de uma energia, de um zelo, de um rigor, de uma força no conceber, de uma destreza no executar, tanto mais admiraveis, em quanto partem de um octagenario, inerte, desprovido de recursos materiaes, encerrado em um palacio equivalente a uma prisão; e que sua immensa tarefa, sem vacillar levou por deante no meio de ingentes lutas, pungentes desgostos, melindrosos problemas, difficuldades de todo genero.

Quando mesmo não o exalçasse o seu celestial ministerio, Pio X, impor-se-ia ao universal acatamento pelos excelsos predicaes de sua estrutura intima, desses que dignificam uma raça e uma epoca, mostrando impressa nas fragilidades do barro humano as perfeições eternas do Omnipotente. E' a completa personificação da integridade—in-dole de Apostolo, temperamento de santo, coração de anjo—desses anjos que, não raro brandem uma espada de fogo. E, foi o Papa dos brasileiros. O cardinalato do Rio de Janeiro, a elevação da Apparecida a Basilica, as Faculdades philosophicas e theologicas, de S. Paulo e Pouso Alegre, as distincções conferidas a Brasileiros, o carinho

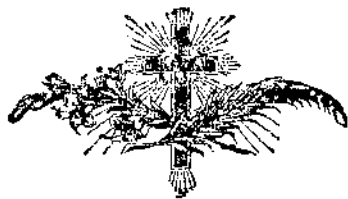
com que acolheu quaesquer compatricios, outorgam-lhe o titulo.

A elevação do nosso venerando Bispo a Arcebispo, o augmento das dioceses em o nosso Estado, a nomeação de um joven cuiabano a Bispo Auxiliar; de um abnegado missionario a Prelado Apostolico com sede no Registro do Araguaya nos afiguram Pio X como Papa matto-grossense.

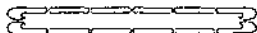
Tal a largos traços a personalidade bella e impolpante do immortal Pio X, arrebatada pela morte inesperadamente ao carinho do mundo inteiro.

Curvemo nos pezarosos sobre o tumulo do indycto Pontifice, adoremos os imperscrutaveis designios da Providencia Divina; e derramando lagrimas de intensa dor, pagamos o descanso eterno para sua alma que, pomba immaculada, se evolou em demanda das regiões paradisiacas; firmes e crentes que o mesmo carinho que devotou a seus filhos quando vivo ainda perdura, e mais valiosa nos será sua protecção!

A sensação dorida que de um pólo a outro invadiu o globo, ao inesperado desaparecimento do grande Pontifice, em epoca tão terrivel de guerras e lutas, vem salutarmente demonstrar o imperio que a realza papal inda exerce no mundo inteiro, e que, vinte seculos sempre mais firmam e elevam.



ENCERRAMENTO DO XX ANNO LECTIVO DO LYCEU SALISIANO DE ARTES E OFFICIOS "S. GONÇALO"



A 2 de Agosto distribuíram-se os premios aos alumnos do Lyceu "S. Gonçalo". Eis o programma.

NA CAPELLA DO LYCEU

A's 6 h1 horas da manhã—*Missa de Campanha*, celebrada, segundo a intenção dos alumnos, pelo M. Rêdo, P. Director.

A's 8 h1 horas da manhã—*Missa de ação de graças*—Ao Evangelho, o Sr. P. Director dá-lhe aos alumnos as *bençãos* mornas para as férias. Solenne *Tu Deum* e *Bençoa* Eucharística.

NO SALÃO DE ACTOS

A's 7 horas da noite

I PARTE

- 1 Marcha pela banda do Lyceu
- 2 Allocução inaugural pelo Rêdo, P. Director
- 3 Discurso pelo paronympho, Exmo. Sr. Dr. José B. de Mesquita, ex-alumno do Lyceu
- 4 Discurso pelo estudante diplomado, Sr. José Lavaquial Biosa
- 5 Distribuição dos diplomas, attestados e premios
- 6 Pega pela banda
- 7 "*Estudiosos e Vultos*"— scena escolar pelos alumnos José e Fernando Lavaquial, Ascendino Sampaio, José de Moraes e Castro, José Moreira e Flaviano G. de Barros Filho
- 8 "*Ólô tu?*"—barracola pelos alumnos cantores

—Intervallo de 5 minutos—

II PARTE

- 1 "*Diploma e Trabalho*"—diálogo pelos apprendizes diplomados Hydelbrando de Camargo, Joaquim de Mattos e João Palmar
- 2 Exercícios de gymnastica sueca pelos alumnos do Club "Pio X"
- 3 "*Adens?*"— poesia pelo alumno Ernesto F. d'Oliveira Filho
- 4 Pega pela banda
- 5 "*O Gavião e o Indio*"—dança
- 6 Dobrado final pela banda.

A concurrencia foi enorme, superior a de outros annos.

Apriaz-nos por em relevo a bella estreia do Exm. Sr. Dr. José de Mes-

quita, paronympho dos quatro jovens diplomados. Modesto ao extremo, S. Ex., com calma e serenidade, começou sua burilada oração revelando qualidades oratorias admiraveis. Palavra fluente, voz expressiva, imagens attraentes, gesto sobrio e educado, prendeu a attenção do auditorio por uns 20 minutos, e, ao terminar, foi fragosamente applaudido. Seguiu-se o discurso singelo, mas natural e rico de nobres sentimentos, do alumno diplomado Sr. José Lavaquial, orador em flôr, que soube galgar com brio a mesma tribuna onde já em annos passados tantos outros ex-collegas, boiweram-se, a geral contento, merecendo palmas. Logo em seguida os tres alumnos apprendizes diplomados, representaram com graça e correção, um bello dialogo, em o qual enalteceram o trabalho como factor do progresso material e moral dos povos, e o diploma que iam receber, como passaporte que outorgava-lhes o direito de jovens emancipados. Os dois discursos, e o educativo dialogo, enfeitam as paginas de nossa Revista.

A declamação de outros dialogos e poesias revelou os progressos reaes da escola, de declamação que exercita no theatro moral e educativo, estes jovens que, com desembaraço e naturalidade, fallam em publico sem

receio, despertando admiração no auditorio. A farça despertou gostosas gargalhadas: e o canto: *Odi tu*, e as maviosas marchas da bem educada banda mostraram igualmente com quanto tino e aproveitamento os directores do Lyceu "S. Gonçalo" cuidam de infundir na mente dos seus educandos o amor para com a divina arte musical como aquella que mais enobrece os sentimentos, e educa o coração.

Quantos assistiram ao bello e atrahente espectáculo, ao terminar sahiram de lá satisfeitos e felizes em ver como no Lyceu Salesiano a mocidade aprende: persuadidos que nesse ambiente onde tantos competentissimos educadores trabalham com afincio e dedicação, cresce uma mocidade forte robusta nobremente educada que, em um futuro proximo, constituirá a maior riqueza de Matto-Grosso.



QUINZE DE AGOSTO

Esta data, tão sympathica a todo mattogrossense, foi neste anno aureolada por dois acontecimentos que não podemos deixar de mencionar.

A abertura do novo edificio da Instrução, em o qual já funcionam o Grupo Escolar do 1.º districto, o Lyceu Chibano, e a Escola Normal: e lá longe, na culta Paulicéa, a sagração episcopal do venerando P. Antonio Malan. São dois acontecimentos que bem merecem as nossas honrosas referencias, pois hão de

constituir epoca nos annaes do nosso progresso.

O soberbo edificio, por sem duvida o melhor da nossa capital, e digno de figurar nos centros mais cultos, ostenta-se como padrão de gloria para quantos concorreram na construcção; e será o ninho onde tantas creanças recolher-se-ão sequiosas de luzes e verdade; e a sagração do Anchieta salesiano se apresenta como inicio de um apostolado ainda mais fecundo não só entre os boróros já ganhos á civilisação, mas entre outras tribus que hão de usufruir do zelo abnegado do preclaro apostolo.

O edificio da Instrução espargirá luzes e saber entre o povo da nossa capital: e a sagração do novo Bispo é penhor certo do progresso intellectual, moral e material dos nossos certões incultos. E como prova de que estas provisões estão fundamentadas em principios certos, reproduzimos um artigo de uma revista litteraria franceza.

Uma importante figura latina

O Rev. P. A. Malan

Si certos personagens se impõe á consideração universal devido a manifestações brillhantes de uma intelligencia creadora, outros não merecem menos a estima e a admiração de seus contemporaneos pelas preciosas qualidades do coração e da alma. Porém acontece as vezes que na pessoa de um mesmo individuo se encontre reunido o talento e as mais nobres virtudes: uma tal personalidade não deixará então, apo-

zar da distancia e mais obstaculos, de attrahir irresistivelmente a si o respeito e a veneração unanimes; ella dominará sua epoca e permanecerá como uma ideal visão no espirito de todos, particularmente daquelles que tiverem a rara felicidade de se associarem a sua laboriosa e fecunda existencia. O Revmo. P. Antonio M. Malan, Inspector das Missões Salesianas, é precisamente uma dessas figuras eminentemente sympathicas que não se pôde esquecer desde que se tenha o privilegio de entrevistá-lo. Muito joven ainda, elle assumiu o difficil cargo de educador e adquiriu grande nomeada no Collegio de Villa Colon (Montevideo), onde exerceu as delicadas funções de Director dos Estudos e Vice-reitor, applicando com rara perfeição o systema preventivo proprio dos Salesianos, do qual soube tirar os melhores resultados. Digamos aqui, que elle ali deixou uma viva lembrança, muitas vezes manifestada nas visitas que lhe fizeram seus antigos alumnos no curso de suas viagens através o paiz.

Como Director do celebre Lyceo S. Gonçalo em Cuyabá (1894 a 1900) o Revmo. Sacerdote revelou-se educador progressivo e esclarecido, de firmes convicções, ao mesmo tempo que a sua integridade o mostrava como o homem corajoso que em presença das maiores difficuldades permanece inquebrantavel, certo do adiantamento do éxito, porque sua vida toda inteira repousa na justiça e honestidade e se orienta constantemente para o bem.

Em 1900 o Revmo. P. Antonio Malan, era nomeado Inspector ou Provincial, em Matto-Grosso da grande Sociedade Salesiana. Sua nomeação foi ali acolhida com immenso jubilo, sobretudo quando se

teve a certeza que esse novo cargo abria um mais vasto horisonte á sua excepcional actividade e a seu zelo apostolico, promettendo-lhe abundantes fructos a seus trabalhos. Entretanto essa actividade e esse zelo não tardam a reclamar uma acção ainda mais importante. O Revmo. P. Antonio Malan entreviu logo a necessidade de augmentar o numero dos Collegios dirigidos por essa Sociedade que merece com justo titulo a estima de todos os verdadeiros patriotas tanto como uma obra eminentemente educadora. Foi então que elle empreendeu a fundação do Collegio Santa Thereza na cidade de Corumbá. Infatigavel pioneiro dos grandes e generosos ideaes, estava reservado ao P. Malan descobrir o campo immenso onde a Missão Salesiana exercesse a sua benefica influencia: catechizar os indigenas que entregues ao abandono erram, forças dispersas e inuteis, nas florestas virgens do Brazil, constituindo uma perpetua ameaça para as cidades e aldeias pacificas desse vasto Estado. Desenvolvendo uma nova actividade, o Rev. P. Malan começava sua grande obra de catechização que honra verdadeiramente a nação brasileira pelos maravilhosos resultados obtidos até hoje. Agora, o viajante que se dirigir de Cuyabá á Goyaz será preso de admiração e de espanto visitando as Colonias do S. Coração, Barreiros, da Immaculada Conceição, Garças e Sangradouro. Lá, elle poderia contemplar ao lado do humilde dominio dos Missionarios Salesianos os grupos de indigenas que, attrahidos pela caridade dos padres, cuja dedicação engendra meios de melhorar sua precaria existencia, abandonaram suas aldeias no interior das terras e se unem para formar os

elementos de uma sociedade, imperfeita sem duvida, mas contendo entretanto em embrião todas as manifestações de progressos desejaveis para o porvir.

Além disso, fundaram-se escolas para duzentos "meninos" indigenas, onde se lhes ensina a leitura, a escripta, o calculo, ao mesmo tempo que as primeiras noções indispensaveis da agricultura. Si ha difficuldade em avaliar a somma de sacrificios e de fadigas dispendidas pelos Salesianos com o fim de tornar essas tres Colonias tão florescentes, ainda é mais difficil medir a coragem heroica, a firmeza de character inflexivel que caracterisam o Revmo. P. Malan; as qualidades e a competencia do qual se deve, sem contestação attribuir os resultados inapreciaveis obtidos até hoje por esta grandiosa obra.

Para resumir uma tão nobre vida, bastaria dizer que ella foi um perpetuo sacrificio. O Revmo. P. Malan não recuou ante nenhuma difficuldade para chegar ao unico alvo a que se propuzera: o exito completo de sua missão apostolica. Taes esforços têm o mais subido merito, considerando se que catechizar é o meio pratico por excellencia para conduzir á civilisação os povos barbaros. Naturalmente catechizar deve ser aqui tomado no sentido mais moderno; isto não significa somente o acto de baptisar o pagão, o baptismo não basta para destruir a barbaria; o catechismo tal como deve-se entender actualmente deve tambem preparar os indigenas ignorantes, entregar a seus instinctos selvagens, a tornar-se homens laboriosos, artistas ou trabalhadores. A prova mais evidente dos importantes resultados obtidos pela obra

da Missão Salesiana dirigida pelo Revmo. P. Malan, o pastor das florestas, foi o espectáculo offerecido á Exposição do Rio de Janeiro por vinte e um indigenas de Matto-Grosso, manejando instrumentos notavelmente aperfeçoados ou apresentando diversos productos e assimais preciosas produções do paiz; bella e viva testemunha da perseverança e dos esforços desenvolvidos pelos dedicados Salesianos.

O Revmo. P. Antonio Malan já consagrou vinte annos de sua nobre existencia ao enriquecimento do Brazil. Os que se associam á sua fé e se unem á sua idéa generosa e fecunda se regosijam hoje dos resultados obtidos, mas é justo notar tambem, que mesmo os adversarios em creença rendem homenagem a seus meritos, reconhecendo nesse valente missionario um philanthropo inspirado por um magnifico ideal, em busca do qual elle consagra com inquebrantavel energia todas as forças de sua bella e luminosa intelligencia. Graças á sua maravilhosa tarefa educadora, elle soube introduzir em Matto-Grosso (Brazil), onde eram quasi desconhecidos até ahí, os instrumentos necessarios aos trabalhos agricolas, em tempo que os ultimos aperfeçoamentos de uma agricultura theorica e pratica, de que fez applicação com tanto successo na Chacra modelo do Coxipó. Eis porque o Revm. P. Malan é saudado hoje nesse bello paiz brasileiro como um benefactor. Não se saberia, com effeito, exaltar bastantemente as virtudes desse varão eminente, verdadeiro pioneiro do bem e do progresso, que cooperou com toda sua intelligente vontade, firme e tenaz á grandeza desse Estado, e cuja vida toda inteira é um poderoso e reconfortan-

te exemplo de energia, de valor e de belleza moral.

G. Bailly—Rollet.

*(Revue internationale des sciences politiques
sociales, arts et Belles-Lettres.— Paris.)*

Os Jesuitas

O termo *Jesuita* sóe despertar a sanha dos anti-catholicos, porque traz-lhes a memoria o nome augusto do benigno Nazareno, do qual tira a sublime etymologia. Jesus! nome veneravel que significa Salvador, e como Jesus, tambem os Jesuitas são salvadores. Salvaram as almas, dos grilhões de Luthel: os selvagens, da ambição de desalmados exploradores; a infancia, das garras aduncas da irreligião e do ensino atlico; a sociedade e os governos, das ciladas maçonicas. Por isso, os seus inimigos votam-lhes o mesmo odio fero que, outr'ora, os Judeus votavam a Jesus.

O que augmenta mais o despeito dos antagonistas da Companhia de Jesus, que occupa a vanguarda da Igreja Catholica, são os louros colhidos pelos immortaes filhos de Loyola.

Em todos os departamentos do saber humano, ganharam elles a palma da victoria.

A gloriosa Ordem Jesuitica tem produzido consummados theologos, philosophos sublimes, naturalistas profundos, sabios diplomatas, eloquentissimos pregnadores, inventores admiraveis.

Alfim, escriptores de renome pluriscular.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão Soares, A. Lapede, Ricci, Spee, Bolland, Bourdaloue, Sanches, Palavicini, Segneri, Secchi, Biancini, Taparelli, Maldonado, etc., são astros de primeira grandeza da religião sideral da intellectualidade humana: os seus nomes tornaram-se indeleveis.

A palavra *Jesuita* evoca estas outras: sabedoria, virtude, impavidez, sociabilidade, urbanidade.

E', portanto, uma palavra que honra, que enobrece, que enfeita a quem assim se denomina. O modesto expositor destes conceitos sentir-se-ia muito ufano si pudesse condecorar-se com o termo *jesuita*, termo que se aureola de gloria immorredoura!

Por isso, enquanto os inimigos dos discipulos do heroe de Pamplona ajeestam contra estes a bateria dos improperios e aleives, os homens mais eminentes e desapaixonados prodigalizam-lhes os mais honrosos louvores. Cedo a palavra ao testeja-do academico brasileiro Affonso Celso. Elle diz: «Houve epocha em que foi habla geral atacar os jesuitas.

Actualmente, só lhes negam o valor e os beneficios á humanidade trez classes de individuos: os ignorantes, os fanaticos e os de má fé.

Todos os espiritos leaes e illustrados, sejam quaes forem as suas doutrinas, rendem justiça aos continuadores de Santo Ignacio de Loyola: e render-lhes justiça equivale a encomial-os com calor.»

Salve! pois, Loyola: sois o incom-

mensuravel heróe que organizou essa invicta cohorte de bravos que se chamam Jesuitas!

E. R. de Siqueira

Consolatrix afflictorum

Ha dias triste na vida,
Muita dor, muita afflicção...
Ha muita rosa pendida,
Desteita muita illusão...

Mas se a vida é mar que freme,
Tu és a Estrella do mar;
E vai seguro meu leme
Se teu clarão me guiar.

Mas se é noite, és meiga Lua,
Que brilha com meigo alvor:
E se Ella no céu fluctua,
Vai seguro o viajor,

E depois da noite escura,
Tu és a Aurora sem véu,
Que em nossa vida fulgura,
Ao triste mostrando o céu.

Ha muita agrura na vida,
Muita orphandade sem pão...
Mas a todos Mãi querida,
Tu consolas na afflicção.

G. R.

AVISO

Avisamos aos leitores da nossa secção meteorologica que em virtude da circular n. 3. espedida pela directoria geral (secção de meteorologia e phisica do globo) suspendemos a publicação dos dados meteorologicos das estações de Corumbá, Caceres e Araguaya, devendo d'oravante os interessados sollicital-as directamente á mesma Directoria.

A Fé Christã

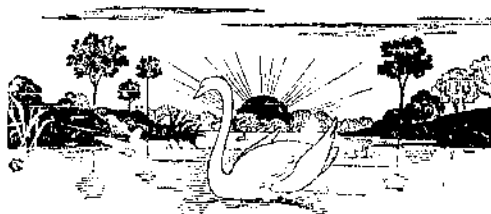
Pela graça do Céu, graça divina,
A firma convicção em tudo quanto
Pregou Jesus e a Igreja nos ensina,
Eis a Fé, que de um ímpio faz um santo!

Christão não pôde ser o que, portanto,
Não seguir tão sublime e sã doutrina,
Tão cheia de bellezas e de encanto,
Que da Patria Celeste se origina!

Eis meu corpo e meu sangue! Perceberam?
Diz Jesus, e os discípulos todos creram,
Embora vissem pão e vissem vinho!

E! que a fé de Jesus na Santidade,
Na sua já provada Divindade,
Imudará-os de luz no bom caminho!

F. Lopes de Azevedo



OBSERVATORIO METEOROLOGICO "D. BOSCC"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Officinas

Em Curitiba, Estado do Paraná-Paraná. Director Padre Dr.

R. de Aquino Corrêa e Secretário Syllio Silveira

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 350 m. LATITUDE 15° 25' 40" LONGITUDE: 12° 50' 7" (Deo. do Rio)

N. de Observações por dia: 1. m. m. 4. 1. m. 8. 11 p. m. hora local

TABELLA I

Junho 1934	PRESS. BAROMETRICA				ENTRE- MOS da tem. geral. s. 4 p. Max. Min.	THERMOMETRO				THERMOMETRO			
	reduzida a 0°					seco				humido			
	1. m.	4. m.	8. p.	M. d.		1. m.	4. m.	8. p.	M. d.	1. m.	4. m.	8. p.	M. d.
1	45.3	45.0	44.7	44.7	31.8	24.8	25.4	26.1	25.1	28.3	27.0	25.8	26.2
2	44.9	44.6	44.3	44.3	32.0	24.3	25.1	25.8	25.1	28.3	27.5	26.0	26.5
3	44.7	44.0	43.5	44.1	32.0	24.5	25.0	25.0	25.0	28.3	27.0	26.0	26.1
4	45.3	44.6	43.8	44.2	32.6	24.4	25.0	25.2	25.2	28.1	27.0	26.5	26.4
5	45.2	44.2	43.8	44.7	33.7	24.0	25.5	25.7	25.7	28.7	26.9	26.0	26.8
6	46.8	45.4	46.0	46.3	32.8	22.5	23.7	23.7	23.5	28.3	27.1	26.2	26.9
7	47.8	46.9	46.2	46.5	32.0	22.7	22.8	23.1	22.8	27.4	26.5	26.7	26.4
8	48.6	47.0	47.2	47.6	31.8	22.0	22.4	23.1	22.7	27.6	27.0	26.9	26.6
9	48.3	47.3	47.8	47.8	31.0	22.5	22.6	23.0	22.7	26.6	26.9	26.5	26.0
10	47.5	46.1	46.3	46.5	30.6	21.8	21.5	23.0	22.5	25.6	26.0	26.0	26.2
D. 1.	46.4	45.1	45.6	45.7	32.0	23.3	23.0	23.1	22.7	27.1	26.3	26.0	26.5
11	47.6	46.3	47.0	46.9	30.6	21.3	21.4	23.0	23.6	25.1	24.8	20.6	19.8
12	47.9	45.8	46.6	46.8	31.0	19.6	20.5	20.4	20.5	25.5	24.1	21.0	21.0
13	48.2	46.5	46.8	47.2	31.6	19.5	20.6	21.1	20.4	25.7	24.7	20.7	19.9
14	47.3	45.3	45.1	45.0	30.8	21.1	21.1	23.0	23.9	25.9	24.1	21.9	21.3
15	44.9	43.3	44.7	44.3	32.6	23.6	25.0	23.4	23.1	28.1	26.8	22.5	21.8
16	46.1	46.5	47.0	47.0	32.7	23.2	23.2	23.3	23.2	27.9	27.1	26.1	26.5
17	49.1	47.8	48.0	48.3	28.2	21.0	21.6	26.8	25.4	25.6	22.6	23.3	23.1
18	48.2	46.2	47.5	47.3	30.4	21.3	21.0	20.3	20.2	25.8	26.8	22.7	22.3
19	48.5	46.1	46.9	47.2	31.0	21.2	22.7	26.8	26.4	26.6	26.7	22.4	22.9
20	47.3	45.9	46.8	46.7	31.6	21.8	22.6	23.1	23.0	26.5	26.8	26.0	26.3
D. 2.	47.6	45.9	46.6	47.7	32.0	21.7	22.2	23.0	26.1	26.3	26.8	22.1	21.4
21	47.1	45.9	46.7	46.6	32.2	22.6	22.8	23.7	26.8	27.1	26.4	22.5	21.8
22	47.4	46.3	47.1	47.0	31.7	21.7	23.2	23.6	26.5	27.1	26.0	22.2	21.5
23	46.5	45.7	47.1	46.5	31.2	23.0	24.4	24.0	26.0	27.1	26.0	23.0	22.8
24	47.2	46.6	48.5	47.4	30.7	23.2	23.4	23.1	25.3	26.2	26.5	21.7	21.5
25	49.6	48.8	50.0	49.5	30.6	21.7	22.5	28.7	25.3	25.5	26.5	22.5	21.5
26	50.4	47.7	50.1	49.4	28.4	21.6	21.8	27.5	26.4	25.2	26.0	22.5	21.6
27	48.9	46.8	47.7	47.6	30.5	21.4	22.2	23.0	26.7	26.4	26.2	22.6	21.6
28	48.2	45.8	46.9	46.9	31.3	21.4	22.1	23.9	27.0	26.6	26.9	21.5	21.7
29	47.6	45.9	47.1	46.9	31.8	22.0	23.5	23.8	26.0	26.8	26.3	21.6	21.6
30	47.6	46.1	47.3	47.0	32.7	22.0	23.5	23.6	27.0	27.4	26.5	21.8	21.4
D. 3.	46.9	46.5	45.9	46.4	31.1	22.0	22.9	23.4	26.2	26.5	26.2	22.1	21.5
M. d.	46.9	45.8	46.0	46.2	31.7	22.3	23.0	23.9	26.6	26.8	26.4	22.4	21.8

Observatório meteorológico "Dr. Elzeu" — Curitiba

TABELLA II

Junho 1914	HUMID. ABSOLUTA (tensão do vapor)				HUMID. RELAT. (grão hygromet.)				NEBULOSIDADE qualidade—quantidade. (0 a 10)							
	3.44 a.	1.44	4.4	Média	3.44 a.	1.44	4.4	Média	3.44 a. m.	1.44 p. m.	8.44 p. m.					Média
1	17.5	17.1	18.3	17.6	73	49	66	62.6	Os	2	K	6	CK	5	4.3	
2	16.9	15.5	17.8	16.7	71	44	63	59.3	As	6	C	1	—	0	2.3	
3	17.8	17.2	18.1	17.7	76	51	65	63.3	—	0	K	7	—	0	2.3	
4	17.8	18.5	19.2	18.7	76	51	73	66.6	—	0	K	5	S	3	2.0	
5	18.4	16.8	21.2	18.8	76	46	73	65.0	—	0	K	4	S	1	1.6	
6	17.7	15.8	19.4	17.5	81	42	67	63.3	C	1	K	1	K-C	1	1.6	
7	16.5	15.1	18.7	16.8	79	43	70	64.0	Cl	3	K	3	—	0	1.0	
8	17.9	15.1	19.6	17.2	80	42	71	64.3	CK	4	K	4	K	5	4.0	
9	16.7	15.3	18.0	16.7	82	47	66	65.6	Cl	7	K-Ku	7	K-Ku	9	5.3	
10	15.6	11.2	15.9	14.2	82	36	67	61.6	Kcs	6	K	6	C	1	5.0	
D. 1 ^a	17.1	15.7	17.6	17.1	77.6	44.5	68.1	63.5	—	2.2	—	4.4	—	2.5	2.9	
11	14.6	12.0	15.2	13.9	76	33	70	60.6	CK	5	—	0	—	0	1.6	
12	14.0	12.7	15.7	14.1	78	39	65	60.6	—	0	—	0	—	0	0.0	
13	13.0	11.8	16.5	13.8	72	34	68	58.0	—	0	C	1	—	0	0.3	
14	13.6	14.2	16.0	14.6	73	42	64	59.6	CK	7	CK	8	—	0	5.0	
15	14.7	14.7	16.8	15.4	62	40	59	53.6	—	0	C	1	—	0	0.3	
16	18.4	17.3	20.8	18.8	87	48	73	69.3	—	0	K	8	S	5	4.3	
17	18.4	19.4	19.4	19.1	83	73	80	78.6	Ku	10	Ko-Sc	8	—	0	6.0	
18	18.2	19.7	19.7	19.2	100	49	78	75.7	Enc.	10	K	5	—	0	5.0	
19	16.9	18.0	18.0	16.6	82	45	70	65.7	—	0	K	5	—	0	1.6	
20	16.1	16.7	16.7	15.5	79	39	64	60.6	—	0	S	7	—	0	2.3	
D. 2 ^a	15.7	14.6	17.4	15.9	79.2	48.5	69.1	64.2	—	3.2	—	4.3	—	0.5	2.6	
21	16.4	14.6	17.5	16.2	79	41	66	62.0	S	3	Cs	7	Cl	0	3.3	
22	15.4	14.1	17.4	15.6	73	41	67	60.3	C	2	Ks	10	—	0	4.0	
23	14.7	15.9	18.6	16.4	65	48	74	62.3	Cs	7	Ks	9	N	10	8.6	
24	18.0	14.1	16.9	16.4	84	44	68	65.3	Ku	10	S	7	—	0	5.6	
25	15.0	16.4	18.5	16.6	74	56	77	69.0	K-sk	4	Ku-K	9	—	0	4.3	
26	16.3	17.2	17.3	16.9	84	63	67	71.3	N	10	K	1	—	0	3.6	
27	16.4	14.5	17.7	16.2	82	45	67	64.6	C	1	K	5	SK	2	2.6	
28	15.9	13.3	16.5	15.2	80	39	63	60.6	KS	5	K	5	Ku	7	5.6	
29	15.7	13.6	18.6	16.0	76	40	74	63.3	—	0	K	5	—	0	1.6	
30	16.1	13.4	16.2	15.2	74	38	60	57.3	—	0	—	0	C	1	0.6	
D. 3 ^a	15.9	14.7	17.5	16.0	77.1	45.5	68.3	63.6	—	4.2	—	5.8	—	2.1	3.9	
Mez	16.3	15.0	17.5	16.3	77.9	46.4	68.5	63.8	—	3.2	—	4.8	—	1.7	3.2	

Observatorio meteorológico "D. Bosco" — Cuiabá
TABELLA III

Junho 1914	VENTOS									CHUVA de 6.44 a.		EVAPORA- ÇÃO de 6.44 a.m.	HORAS de Insolação	
	Direção—Força—Velocidade metros por segundo									Alt.	Dur.			
	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel. media 24 hs.					
1	N	3	4.0	N	4	6.9	N	2	3.4	0.991	—	—	3.2	9.5
2	N	3	4.1	N	3	6.2	N	1	1.8	0.073	—	—	2.7	9.3
3	N	1	1.5	N	3	4.3	N	1	1.0	0.119	—	—	5.3	9.4
4	N	1	1.4	N	2	5.3	C	0	0.0	1.900	—	—	4.6	10.0
5	N	1	1.0	N	2	3.0	C	0	0.0	.502	—	—	3.7	8.6
6	N	1	1.0	E	1	1.3	«	0	0.0	.421	—	—	3.7	9.0
7	C	0	0.0	NW	1	1.3	«	0	0.0	.212	—	—	3.2	9.4
8	C	0	0.0	S	2	2.0	«	0	0.0	.254	—	—	3.6	9.1
9	C	0	0.0	SE	1	1.3	«	0	0.0	.177	—	—	3.0	8.2
10	N	1	1.0	N	1	1.8	«	0	0.0	.160	—	—	3.3	8.6
D. 1 ^a														
11	—	1.1	1.4	—	2.1	3.2	—	0.4	0.6	0.380	0.0	0.0	36.3	91.1
D. 2 ^a														
12	C	0	0.0	N	2	3.8	C	0	0.0	0.296	—	—	3.6	9.0
13	C	0	0.0	«	1	1.8	C	0	0.0	.403	—	—	4.1	9.7
14	N	1	1.0	NE	1	1.5	C	0	0.0	.297	—	—	3.7	9.0
15	N	1	1.3	N	3	4.4	C	0	3.0	0.379	—	—	4.3	6.5
16	«	2	3.4	NW	3	4.3	N	2	2.0	0.809	—	—	5.0	9.0
17	«	0	0.0	N	3	5.8	C	0	0.0	1.161	—	—	5.7	6.4
18	S	2	2.0	S	1	1.3	C	0	0.0	0.533	—	—	3.9	1.3
19	NE	1	1.0	C	0	0.0	«	0	0.0	.388	—	—	2.1	5.5
20	N	1	1.0	W	1	1.3	«	0	0.0	.210	—	—	2.4	8.8
21	C	0	0.0	N	3	4.5	N	1	1.0	.212	—	—	3.2	8.6
D. 3 ^a														
22	—	0.8	0.9	—	1.8	2.9	—	0.3	0.3	0.473	0.0	0.0	33.9	73.8
D. 4 ^a														
23	C	1	0.0	N	3	4.0	N	1	1.0	0.577	—	—	4.4	6.1
24	NE	0	1.3	N	3	4.5	C	0	0.0	.485	—	—	4.5	3.6
25	N	1	1.5	W	2	2.0	S	2	2.0	.632	—	—	4.3	2.1
26	E	1	1.0	N	3	4.5	C	0	0.0	.406	—	—	3.8	1.6
27	C	1	0.0	S	4	6.2	S	1	1.3	.496	—	—	3.2	5.7
28	C	0	0.0	S	1	1.0	S	1	1.0	.423	—	—	2.9	6.2
29	NE	0	1.0	SE	1	1.3	C	0	0.0	.016	—	—	2.0	8.7
30	C	1	0.0	N	2	2.0	E	1	1.3	.313	—	—	2.9	6.0
31	C	0	0.0	«	2	2.5	N	1	1.0	.435	—	—	3.6	9.3
32	C	0	0.0	«	3	4.5	C	0	0.0	.219	—	—	4.4	9.0
D. 5 ^a														
Mez	—	0.4	0.4	—	2.4	3.2	—	0.7	0.7	0.401	0.0	0.0	36.0	58.3
D. 6 ^a														
Mez	—	0.8	0.9	—	2.4	3.1	—	0.4	0.5	0.418	0.0	0.0	110.3	223.6

Observatório meteorológico "D. Bosco" -- Cuyabá.

TABELLA IV

FREQUENCIA DOS VENTOS durante o mez de Junho						
Ventos	7 a.	2 p.	9 p.	Som- mas		
N	12	17	7	36	Pressão media mensal	746.2
NE	3	1	0	4	« Extrema maxima dia 26	750.4
E	1	1	1	3	« « Minima dia 3	743.0
SE	0	2	0	2	Temperatura mensal ao abrigo	31.7
S	1	4	2	7	Extrema maxima dia 5	33.7
SW	0	0	0	0	« Minima dia 13	19.5
W	0	2	0	2	Tensão mensal do vapor da agua	16.3
NW	0	0	0	0	Maxima tensão -- dia 16	20.8
Calma	13	1	19	33	Minima « -- dia 13	11.8
Somma	30	30	30	90	Humidade relativa mensal	63.8
Classificação das nuvens observadas durante o mez					Extrema maxima -- dia 18	100.0
qualid.	7 a.	2 p.	9 p.	Som- mas	« minima -- dia 13	34.0
C	1	3	3	10	Nuvens -- Formas predominantes	K-Kn
C.S	3	2	0	5	Quantidade media	3.2
C.K	3	2	1	6	Dias claros	15
A.C	0	0	0	0	Nublados	15
A.S	1	0	0	1	Encobertos	0
SK	2	2	1	5	Horas de Sol durante o mez	223.2
K	0	16	2	18	Total de chuva cahida	00 ^{mm} . 70
N	1	0	1	2	Altura maxima em 24 horas dia	00 ^{mm} . 70
K.N	3	2	2	7	Evaporação total ao abrigo	110 ^{mm} . 33
S	1	2	3	6	Maior evaporação, dia 16	5.7
Claros	12	3	18	33	Menor « dia 27	2.0
Nº de dias de:					Media mensal da velocidade do vento em metros por segundos	0.448
Chuvias				0	Chuvias afastadas	0
Trovoadas				0		
Relampagos				4		
Tempestade				0		
Arco-iris				0		
Orelhão				7		
Nevoadas				4		
Halo lunar				0		
Coroa lunar				0		
Paraselenicos lunares				0		

OBSERVATORIO METEOROLÓGICO "D. BOSCO"

Dependente do Lyceu Salesiano de Artes e Ofícios

Em Curitiba, Estado de Mato-Grosso. Director Padre Dr.

F. de Aquino Corrêa e Secretário Sylvio Brizante

ALTITUDE DA LOCALIDADE: 235^m 02. LATITUDE 15° 45' 49" LONGITUDE: 12° 50' 7"
(Opc. do Rio)

N. de Observações por dia as 6.44 a. m. à 4.47 e 4.47 p. m. hora local

TABELLA 1

Julho 1914	PRESS. BAROMETRIA reduzida à 0° 700				EXTRE- MOS da tem- perad. 8. 14 p.	THERMOMETRO seco				THERMOMETRO humido				
	Med					Med.				Med.				
	h	h	h	h		h	h	h	h	h	h	h	h	
1	48.5	46.3	47.1	47.3	32.3	23.6	24.5	31.5	26.8	27.6	19.9	21.6	21.2	20.9
2	47.2	45.0	45.7	45.9	32.3	22.4	23.0	31.5	27.0	27.1	19.9	22.0	21.9	21.1
3	47.1	45.6	47.2	46.7	33.2	21.7	23.6	31.6	27.6	27.6	20.0	21.6	22.2	21.3
4	49.0	47.2	48.2	48.1	32.8	23.2	23.8	32.0	27.6	27.8	20.0	22.5	22.6	21.4
5	49.0	47.0	47.6	47.9	33.6	23.4	23.5	32.4	27.0	27.6	20.5	22.4	22.0	21.6
6	48.7	47.0	47.7	47.8	33.3	22.4	24.0	32.7	27.4	28.0	21.5	21.5	21.6	21.0
7	48.8	47.4	48.7	48.3	32.4	23.7	24.1	31.5	27.7	27.8	21.0	21.9	22.5	21.6
8	50.0	49.0	49.7	49.6	31.7	22.6	23.6	31.5	26.5	27.2	21.0	22.0	21.1	21.4
9	49.6	48.8	47.9	48.8	31.8	21.7	22.5	31.3	26.7	26.8	19.5	20.2	20.0	19.9
10	47.7	45.9	46.5	46.7	31.7	21.2	21.5	31.0	25.6	26.0	17.6	19.4	19.0	18.6
D. 1.ª	47.5	46.9	47.6	47.3	32.5	22.5	23.4	31.7	26.9	27.3	19.8	21.5	21.3	20.8
11	47.5	46.0	46.5	46.7	32.5	22.7	23.0	32.4	28.3	27.9	19.6	21.7	21.7	21.0
12	47.0	46.2	46.9	46.7	33.2	23.7	24.0	32.4	29.8	28.7	20.0	23.8	22.8	21.9
13	48.0	45.0	47.3	46.8	33.9	25.0	25.3	32.0	27.0	28.0	22.0	23.0	22.9	22.6
14	47.0	45.7	46.4	46.4	29.7	25.0	25.2	29.6	27.1	27.3	22.5	23.1	23.3	23.0
15	47.9	46.5	47.3	47.2	31.5	22.4	24.0	31.0	28.2	27.7	21.7	23.5	23.0	22.7
16	48.3	46.4	47.7	47.4	31.9	22.6	23.0	31.6	27.5	27.4	20.5	23.3	23.3	22.7
17	48.6	46.4	46.9	47.3	32.5	22.9	22.9	31.5	29.0	27.4	20.8	23.0	23.2	22.3
18	48.3	47.3	46.8	47.4	33.2	21.6	25.0	32.6	28.3	28.6	21.7	22.4	22.2	22.1
19	48.1	46.5	47.0	47.2	32.5	24.5	24.9	32.1	29.0	28.6	21.0	23.5	23.5	22.6
20	46.8	45.1	44.8	45.6	32.6	25.4	25.5	31.9	27.8	28.4	21.2	23.0	22.5	22.2
D. 2.ª	47.7	46.1	46.7	46.8	32.2	23.8	24.2	31.7	28.2	28.0	21.1	22.9	22.8	22.2
21	46.4	46.0	48.4	46.9	32.0	24.5	24.7	32.0	28.4	28.4	20.9	22.4	22.5	21.9
22	47.7	46.4	47.2	47.1	32.2	23.3	23.9	31.7	27.8	27.8	21.0	23.5	23.3	22.6
23	46.5	44.8	44.9	45.4	32.2	24.7	24.7	32.5	28.3	28.5	20.3	22.5	22.0	21.6
24	45.4	43.9	44.8	44.7	33.2	24.4	24.7	32.8	29.0	28.8	21.4	22.5	23.7	22.5
25	46.3	44.5	48.9	46.6	31.0	23.7	26.9	32.3	24.2	27.8	22.5	22.3	21.5	21.2
26	47.0	45.8	47.2	46.6	29.5	21.8	21.2	27.8	26.8	26.5	19.6	23.5	22.1	22.1
27	48.2	46.1	48.3	47.5	30.2	22.9	23.8	30.0	24.8	26.2	21.6	22.0	21.9	19.5
28	50.1	48.7	48.5	49.1	24.7	19.7	20.5	22.0	22.0	21.5	19.2	22.8	19.6	19.2
29	48.4	47.4	49.5	48.4	23.6	18.8	19.5	22.9	22.3	21.6	18.4	19.7	19.6	19.2
30	51.1	49.4	49.4	49.9	24.9	18.9	19.5	23.0	22.5	21.7	17.8	19.9	20.4	19.4
31	49.5	47.5	48.9	48.6	28.8	18.0	18.9	28.2	24.6	23.9	17.2	20.3	20.0	19.1
D. 3.ª	46.1	46.4	47.8	46.8	29.6	21.9	22.6	28.7	25.4	25.6	20.0	21.7	21.5	21.1
Mez	47.1	46.4	47.4	46.8	31.0	22.7	23.4	30.7	26.9	27.0	20.3	22.0	21.9	21.4

Observatório meteorológico "D. Rosco" - Curitiba

TABELLA II

Julho 1914	HUMID. ABSOLUTA (tensão do vapor)				HUMID. RELAT. (grão hygromet.)				NEBULOSIDADE qualidade—quantidade. (0 a 10)						
	3.44 a.	4.41	5.41	6.41	7.41 a.	8.41	9.41	10.41	3.44 a. m.	4.41 p. m.	5.44 p. m.	Média			
1	14.4	14.0	15.3	14.6	62	33	58	52.6	As	2	Cs	2	—	0	1.3
2	14.5	13.8	16.5	14.9	69	41	61	57.0	—	0	K	5	—	0	1.6
3	15.2	13.1	16.6	14.9	70	37	60	55.6	C	3	K-Kn	8	C	1	4.0
4	15.0	14.5	15.5	15.0	69	41	56	55.6	CK	6	KC	2	Kn	4	4.0
5	16.1	14.0	15.6	15.6	74	38	63	58.3	—	0	K-es	5	M	1	2.0
6	14.9	13.3	15.6	16.2	67	39	57	71.0	—	0	K	3	K	8	3.6
7	15.7	13.6	17.0	15.4	70	39	61	56.6	CK	4	K-Kn	6	C	2	4.0
8	16.9	13.8	15.3	15.3	78	41	59	59.3	K-Kn	8	Kn-K	7	K	2	5.6
9	15.0	11.4	13.3	13.2	74	36	52	54.0	Sc	1	K	3	K	8	4.0
10	12.4	10.3	12.3	11.7	65	33	50	49.3	Cl	0	Cl	7	C	3	1.0
D. 1ª															
11	15.0	13.6	15.4	14.7	69.8	43.3	57.7	56.9	—	2.4	—	4.1	—	2.0	3.1
12	14.9	12.8	15.3	14.3	71	35	53	54.0	C	3	K-Kn	8	CK	3	4.6
13	14.9	15.1	16.2	15.4	67	42	52	53.6	Cs	3	K	7	Kn	10	6.6
14	17.6	15.3	19.0	17.3	74	43	69	62.6	CK	4	K-Kn	8	N	10	7.3
15	18.6	16.9	18.8	18.1	78	56	71	68.3	CK	8	Kn	10	S	2	6.6
16	18.6	16.9	17.7	17.7	80	50	62	64.0	S	1	K	6	—	0	2.3
17	16.6	16.0	18.7	17.1	79	46	68	61.0	Cs	1	K-Kn	6	—	0	2.3
18	17.0	15.6	17.0	16.7	82	46	59	62.0	—	0	Kn-K	7	Cs	1	2.6
19	17.3	13.9	16.1	15.7	73	37	57	55.6	CK	3	Kn	5	—	0	2.6
20	16.1	16.2	18.1	16.8	69	45	61	58.3	—	0	K	7	—	0	2.3
21	16.1	15.4	17.0	16.2	67	44	61	57.3	Sc	5	K	4	—	0	3.0
D. 2ª															
22	16.7	15.4	17.4	16.5	74.0	44.4	61.3	59.5	—	2.8	—	6.8	—	2.6	4.0
23	16.1	14.2	17.1	15.8	69	40	58	55.7	—	0	K	4	Cl	0	1.3
24	16.7	16.5	18.5	17.9	76	47	67	63.3	Cs	2	Kn	8	—	0	3.0
25	16.0	14.1	15.8	14.9	65	38	56	61.0	Sc	2	K	4	—	0	2.0
26	16.9	13.6	18.5	16.3	73	37	62	57.3	—	0	Kn	6	Ecc.	10	5.3
27	17.6	16.1	17.4	17.0	66	45	78	62.7	KC	8	Kn	6	*	10	8.0
28	16.0	16.1	17.4	16.5	85	58	70	71.0	N	9	Cs	2	S	1	4.3
29	17.9	16.2	17.8	17.3	81	51	76	69.3	KC-K	8	Kn	6	Kn	7	7.0
30	15.8	15.6	15.5	15.0	88	79	78	81.6	N	10	N	10	N	10	10.6
31	15.1	14.9	15.3	15.1	89	72	76	79.0	N	10	Kn	10	Kn	10	10.0
32	14.1	15.4	16.5	15.3	84	73	82	79.6	N	10	N	10	—	0	4.0
33	13.6	12.9	14.5	13.7	84	45	63	64.0	—	0	—	0	—	0	0.3
D. 3ª															
34	15.9	15.1	16.8	15.9	78.1	53.1	69.6	66.9	—	5.3	—	5.3	—	4.3	5.0
Mez															
35	15.9	14.7	16.5	15.7	73.9	46.9	62.9	61.1	—	3.5	—	4.4	—	3.3	4.0

Observatório meteorológico "D. Bosco" — Cuiabá

TABELLA III

Julio 1914	-VENTOS										CHUVA de 6.44 a.		EVAPORA- ÇÃO em m.m.	HORAS de Insolação
	Direção—Força—Velocidade metros por segundo										Alt.	Dur.		
	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Direc.	Força	Vel.	Vel. média 21 hs				
1	N	1	1.4	N	3	4.5	SE	1	1.3	0.601	—	—	4.9	9.3
2	N	1	1.0	NW	2	3.8	N	1	1.0	585	—	—	4.9	9.3
3	N	1	1.4	N	2	2.0	N	1	1.0	567	—	—	4.6	8.3
4	C	0	0.0	NE	1	1.0	C	0	0.0	484	—	—	5.0	7.5
5	C	0	0.0	NE	1	1.8	C	0	0.0	350	—	—	4.3	9.4
6	"	0	0.0	N	1	1.8	NE	1	1.0	358	—	—	4.8	9.1
7	"	0	0.0	C	0	0.0	C	0	0.0	333	—	—	5.0	8.3
8	E	1	1.3	N	2	2.3	"	0	0.0	129	—	—	4.0	5.8
9	C	0	0.0	N	1	1.3	"	0	0.0	104	—	—	3.7	9.3
10	"	0	0.0	N	3	5.1	N	1	1.3	157	—	—	4.4	9.3
D. 1 ^a	—	0.4	0.5	—	1.6	2.3	—	0.5	0.5	0.355	0.0	0.0	45.6	85.6
11	C	0	0.0	N	2	2.5	N	1	1.5	0.569	—	—	5.7	8.2
12	C	0	0.0	N	3	4.6	N	2	2.0	589	—	—	5.1	8.0
13	N	1	1.6	N	2	2.6	C	0	0.0	744	—	—	5.7	8.1
14	C	0	0.0	NW	3	4.5	N	1	1.3	0.834	—	—	4.8	9.0
15	C	0	0.0	N	2	2.0	C	0	0.0	0.653	—	—	3.4	9.4
16	"	0	0.0	N	2	3.0	SE	1	1.3	1.488	—	—	4.3	7.3
17	"	0	0.0	W	1	1.4	C	0	0.0	0.257	—	—	3.4	8.5
18	E	1	1.0	N	1	1.6	C	0	0.0	327	—	—	4.2	7.7
19	N	1	1.2	N	3	5.1	C	0	0.0	0.113	—	—	5.0	9.0
20	N	2	1.2	N	2	3.0	N	1	1.2	0.078	—	—	5.6	2.8
D. 2 ^a	—	0.5	0.6	—	2.1	2.9	—	0.6	0.7	0.555	0.0	0.0	47.2	69.0
21	N	2	3.1	N	2	3.1	N	1	1.9	1.015	—	—	4.9	8.6
22	S	1	1.3	N	2	2.1	"	1	1.7	0.945	—	inter.	6.2	7.5
23	N	2	2.5	"	2	3.7	"	2	2.0	502	1.4	—	4.1	8.0
24	"	1	1.2	"	3	4.3	C	0	0.0	755	—	—	5.3	7.6
25	"	1	1.2	"	1	1.7	E	1	1.3	812	—	8.0	5.6	4.8
26	C	0	0.0	NW	2	3.0	E	1	1.3	756	12.3	—	3.7	4.2
27	C	0	0.0	S	2	2.2	SE	1	1.3	204	—	1.55	2.5	5.7
28	SE	3	4.1	SW	1	1.6	SW	1	1.3	1.054	10.2	—	2.8	0.0
29	SW	2	2.2	S	1	1.2	S	1	1.6	0.139	0.1	—	1.7	1.5
30	S	1	1.3	SW	2	2.6	C	0	0.0	0.031	—	—	2.1	4.1
31	C	0	0.0	"	2	3.8	S	1	1.2	589	—	—	1.7	9.7
D. 3 ^a	—	1.1	1.5	—	1.8	2.7	—	0.9	1.2	0.654	24.0	9.55	50.6	61.7
Moz	—	0.6	0.9	—	1.8	2.6	—	0.6	0.8	0.525	24.0	9.55	133.4	216.3

Observatório meteorológico "D. Bosco" -- Cuyabá.

TABELLA IV

FREQUENCIA DOS VENTOS durante o mez de Julho						
Ventos	7 a.	2 p.	9 p.	Som- mas		
N	10	19	10	39	Pressão media mensal	746.8
NE	0	2	1	3	« Extrema maxima dia 30	751.1
E	2	0	2	4	« « Minima dia 24	743.9
SE	1	0	3	4	Temperatura mensal ao abrigo	31.0
S	2	2	2	6	Extrema Maxima dia 5	33.6
SW	1	3	1	5	« Minima dia 31	18.8
W	0	1	0	1	Tensão mensal do vapor da agua	15.7
NW	0	3	0	3	Maxima tensão -- dia 13	19.0
Calma	15	1	12	28	Minima « -- dia 10	10.3
Somma	31	31	31	93	Humidade relativa mensal	61.2
					Extrema maxima -- dia 29	89.0
					« minimo -- dia 10	33.0
					Nuvens -- Formas predominantes	K-Kn
					Quantidade media	4.0
					Dias claros	14
					Nublados	15
					Encobertos	2
					Horas de Sol durante o mez	216.3
					Total de chuva cahida	24 ^m /m
					Altura maxima em 24 horas dia 26	12 ^m /m
					Evaporação total ao abrigo	133 ^m /m
					Mayor evaporação, dia 22	6.2
					Menor « dia 29-31	1.7
					Media mensal da velocidade do vento em metros por segundos	0.525
					Chuvas afastadas	4
Classificação das nuvens observadas durante o mez						
qualid.	7 a.	2 p.	9 p.	Som- mas		
C	2	0	3	5		
C.S	5	3	1	9		
C.K	4	1	1	6		
A.C	0	0	0	0		
A.S	1	0	0	1		
SK	0	0	0	0		
K	2	19	4	25		
N	4	1	1	6		
K.N	1	15	4	19		
S	1	0	2	3		
Claros	9	1	12	22		
Nº de dias de:						
Chuvas				4		
Trovoadas				5		
Relampagos				7		
Tempestado				1		
Arco-iris				1		
Orvalho				4		
Nevoeiros				2		
Halo lunar				1		
Coroa lunar				0		
Paraséculos lunares				0		